

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – UNEMAT**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TANGARÁ DA SERRA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS LITERÁRIOS**  
**NÍVEL: MESTRADO ACADÊMICO**

**AGNA CORREA BRITIS BALDISSARELLI**

**PÁGINAS QUE ESCREVEM O COTIDIANO:**  
**UM OLHAR SOBRE A PRESENÇA DA LITERATURA NA REVISTA *A VIOLETA***  
**(1917-1920)**

**Tangará da Serra - MT**  
**2018**

**AGNA CORREA BRITIS BALDISSARELLI**

**PÁGINAS QUE ESCREVEM O COTIDIANO:  
UM OLHAR SOBRE A PRESENÇA DA LITERATURA NA REVISTA A VIOLETA  
(1917-1920)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Strictu Sensu em Estudos Literários - PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso -UNEMAT- como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários, na área de Letras.

**Linha de Pesquisa:** Literatura, história e memória cultural.

**Professor orientador:** Dr<sup>a</sup>. Walnice Aparecida Matos Vilalva

**AGNA CORREA BRITIS BALDISSARELLI**

**PÁGINAS QUE ESCREVEM O COTIDIANO:  
UM OLHAR SOBRE A PRESENÇA DA LITERATURA NA REVISTA A VIOLETA  
(1917-1920)**

Programa de Pós-graduação em Estudos Literários  
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)  
Tangará da serra, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr.<sup>a</sup> Walnice Aparecida Matos Vilalva**

Orientadora

Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT Tangará da Serra - MT

---

**Prof. Dr.<sup>a</sup> Olga Maria Castrillon Mendes**

Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT – Cáceres - MT

---

**Prof. Dr. José Eduardo Martins**

Universidade Federal de Rondônia – UNIR- Vilhena - Rondônia

A minha família, meu porto seguro, que me acalente, me motiva, me inspira.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que acreditaram em mim, aos amigos sinceros e verdadeiros.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, PPGEL, pelo valioso ensinamento, compartilhando seus conhecimentos, experiências e aprendizagens que foi precioso para minha formação.

A professora Walnice Aparecida Matos Vilalva, pela paciência, dedicação, incentivo, compreensão nas horas mais difíceis, sempre estando ao meu lado, por depositar total confiança em mim, meu muito obrigado.

A minha mãe amor incondicional e por ter ensinado as primeiras letras.

Ao meu esposo amado pela paciência.

Aos meus filhos, amores de minha vida, pelo tempo renegado a vocês.

Finalmente, agradeço a Samuel Lima por ter sido mais que um amigo, foi consultor, psicólogo, conselheiro, mas acima de tudo foi amigo. Espero um dia retribuir seus préstimos.

## RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo realizar um estudo sobre o periódico *A Violeta* (1917-1920), averiguando, principalmente, a presença da literatura em seu conteúdo. O recorte da pesquisa está centrado em dez exemplares de *A Violeta*, sob os quais será feita uma análise criteriosa, percorrendo as páginas da revista, no intuito de compreender como a literatura está plasmada nas páginas do referido periódico. Percebe-se, inicialmente, no que tange ao fator literário, que *A Violeta* publicou, sobretudo, o gênero crônica em suas edições, cedendo espaço para uma descrição suave e, ao mesmo tempo, simbólica do cotidiano de meados do século XX. Nessa perspectiva, a análise se faz de cunho bibliográfico, tendo a pesquisa relevância na medida em que confere ao estudo da revista um olhar sobre a difusão da literatura dentro do Estado de Mato Grosso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Periódico; *A Violeta*; Mato-Grosso;

## ABSTRACT

The present dissertation has by objective to perform a study about the periodical *The Violet* (1917-1920), finding out, mainly, the literature's presence in its content. The research's clipping is centralized in ten copies of *The Violet*, on wich is going to be doing a careful analysis, going through the magazine pages in order to understand how the literature is shaped on the pages of the periodical. It's realized, Inicially, in reference of the literary fact that *The Violet* published, above all, the chronic genre in its editions, giving up space to a soft and, in the same time, simbolyc description of daily life in the middle of XX century. In the perspective, the analysis is made by a bibliographic aspect, having relevance in the research according as confers the study of the magazine a view about the literature's difusion inside of Mato Grosso State.

**KEY-WORDS:** Literature; Periodical; *The Violet*; Mato-Grosso;

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>A VIOLETA: IMPRENSA E MEMÓRIA SOCIAL</b> .....	10
Uma agremiação de mulheres .....	15
Nascimento d’Violeta .....	18
Das seções.....	20
Fortuna crítica d’A Violeta .....	26
<b>POR ENTRE AS MALHAS DO TEXTO: A VIOLETA</b> .....	29
EDIÇÃO 13 – 8 DE JULHO/1917 .....	29
EDIÇÃO 28 – 2 DE MARÇO/1918 .....	34
EDIÇÃO 31 – 30 DE ABRIL/1918 .....	38
EDIÇÃO 32 – 15 DE MAIO/1918 .....	44
EDIÇÃO 33 – 30 DE MAIO/1918 .....	48
EDIÇÃO 34 – 15 DE JUNHO/1918.....	54
'EDIÇÃO 44 – 20 DE JANEIRO/1919 .....	58
EDIÇÃO 48 – 02 DE MAIO /1919 .....	62
EDIÇÃO 49 – 20 DE MAIO/1919 .....	66
EDIÇÃO 63 – 15 de janeiro de 1920.....	71
<b>A presença da literatura em A Violeta</b> .....	74
A poesia em A Violeta .....	81
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	86
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	88

## INTRODUÇÃO

Começamos este percurso pela revista *A Violeta*. Entre os anos de 1917 a 1920 situa-se, precisamente, o recorte, um *corpus* selecionado, compondo um conjunto de 10 edições, dez revistas, num intervalo de quatro anos, de uma longa produção de *A Violeta*. Na seleção pelas primeiras edições, enfrentamos a dificuldade do acesso, o desafio da leitura, sobretudo dos primeiros dois anos da revista. As buscas pelas Hemerotecas Digitais (bibliotecas virtuais), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade de São Paulo (USP) não deram resultado algum. O êxito chegou quando encontramos diversos exemplares da revista *A Violeta*, na Biblioteca Nacional do Brasil (Rio de Janeiro). E, na sequência, A Academia Mato-Grossense Letras que vem disponibilizando algumas edições digitais. De posse de mais de cem edições, formando um conjunto muitas vezes com hiatos nas publicações, conseguimos uma única edição de 1917; sete edições de 1918; apenas duas edições de 1919; trinta e três edições da década de 20; vinte e nove edições da década de 30; e mais de vinte edições da década de 40.

Em uma segunda fase, realizamos o levantamento de pesquisa sobre *A Violeta*, observando a plataforma da CAPES<sup>1</sup> (teses e dissertações) e IBIT<sup>2</sup>. No total foram selecionadas oito dissertações e uma tese com as quais estabelecemos um diálogo.

No primeiro capítulo, abordamos, brevemente, a imprensa em Mato Grosso, a constituição de uma imprensa feminina como fenômeno nacional, em diferentes regiões do Brasil. E aqui, em Mato Grosso, a condição de *A Violeta*. Logo mais, apresentamos o Grêmio Literário “Júlia Lopes”, uma agremiação composta por mulheres, o nascimento da revista *A Violeta*.

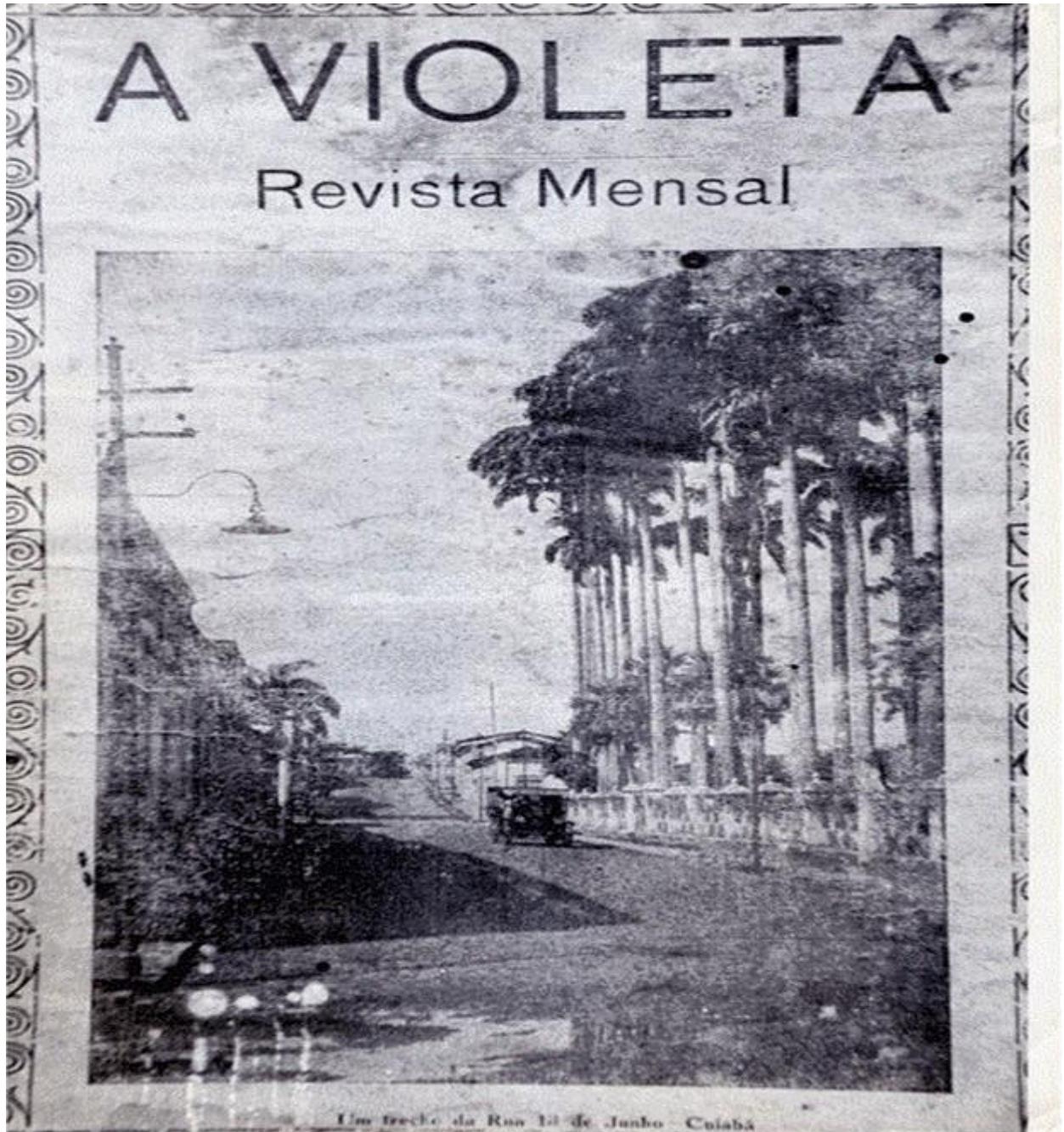
No segundo capítulo, observamos a crônica e a presença da literatura em *A Violeta*. Priorizamos a formação da revista como um projeto discursivo e, nele, o lugar da literatura.

---

<sup>1</sup>Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

<sup>2</sup>Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia de Brasília

**A VIOLETA: IMPRENSA E MEMÓRIA SOCIAL**



Capa da Revista "A Violeta", edição nº 239, de 30 de agosto de 1938. (Arquivo Eurípedes Andreatto/Misc)

No começo do século XX, circulou em diferentes regiões brasileiras um número considerável de revistas, periódicos e, dentre eles, muitos editados e dirigidos por mulheres. A maioria teve uma vida muito curta, o que dificulta precisar ou conhecer o número exato. E nesse fenômeno nacional, a brevidade como o elemento determinante da circulação de periódicos pelo país; afeta, sobremaneira, a continuidade de uma impressão em exemplares, a precisão de uma tiragem contínua para cada edição, para cada número. E em Mato Grosso não será diferente. A tese do isolamento não se sustenta quando percebemos a chegada da tipografia em Mato Grosso (e mesmo no Centro Oeste), trinta anos após o surgimento da imprensa no Brasil (1808), conforme destaca Rubens de Mendonça (1963), com o jornal *Correio Brasiliense*. Em Mato Grosso, diferentemente de outros estados, não há registro de periódicos manuscritos, fenômeno que ocorre, por exemplo, em Maranhão. (LOPES, 1959, p. 27). A tipografia, imprensa e o periódico são decisivos para mudar o cenário da comunicação, da escrita, num esforço pela informação.

Em *Breve Memória sobre a Imprensa em Mato Grosso*, Estevão de Mendonça (1975) desenvolve a reflexão sobre uma vasta tradição da imprensa em Mato Grosso, desde o período colonial; outro fator que destaco da pesquisa de Estevão de Mendonça é a constatação e confirmação de que a imprensa, em Cuiabá, sempre esteve sob o julgo dos interesses políticos, no decorrer da sua história. Das dezenas de periódicos da primeira metade do século XX, destacamos: **A Capital**- órgão livre, 1925; **O Comércio** – 1919; **A Cruz** – órgão da Liga Brasileira de Mato Grosso, 1910, **O Democrata**- órgão do Partido Democrata de Mato Grosso, 1926, **O Ferrão** – Folha independente, 1926; **A Luz** – órgão independente, 1924; **O Mato Grosso** – órgão democrata dedicado aos interesses do povo, 1889; **Pró-Família** – órgão do Circulo Domingos Sávio; **A Reação** – órgão do Partido Republicano de Mato Grosso, 1902; **A Semana** – órgão independente, 1926.

Dentre os periódicos que circulavam em Mato Grosso, alguns pertenciam a partidos políticos, jornais da igreja católica e outros eram independentes. Defendiam, portanto, diferentes interesses na sociedade cuiabana.

Em sua tese, intitulada *Revista A Violeta: a verbo-visualidade e o entrecruzamento de vozes* (2016), Eliete Huguene Figueiredo Costa apresenta um panorama das revistas femininas dos séculos XX no Brasil, conforme aponta seus estudos, visualizarmos a trajetória da imprensa feminina. Nesse contexto, vale destacar que Huguene (2016), expõe de forma detalhada a catalogação das revistas. Esses dados nos mostram a concentração dessas publicações em São Paulo e Rio de Janeiro; algumas em Paraná, Curitiba, outras poucas em Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso: **A Camélia**: orgam da sociedade noites

recreativas: dedicado as esmas famílias (1887–1888, São Paulo/SP); **A Camelia**: órgão popular (1887-1888, não localizado/fonte APMG); **A Camélia**: Orgam literário (1900-1900, Campinas/SP); **A Camelia**: Orgam Literário, noticioso, crítico e variedade (1909–1909, Descalvado/SP); **A Camelia**: Semanário literário e humorístico (1904-1904, Franca/SP); **A Chrysalida**: orgam recreativo do Collegio Nogueira da Gama (1897, Jacarehy/SP); **A Chrysalida**: periódico da mocidade estudiosa do Liceu Cuiabano (1926–1927, Cuiabá-MT); **A Grinalda**: em homenagem ao bello sexo (1896–1896, São Paulo/SP); **A Ortiga**: órgão do Club dos Teimosos: realejo do grupo das ortiga das ortiga das ortiga das ortigas (1885; Ouro Preto/MG), **A Primavera**: literário, humorístico e noticioso (1911; Não localizado), **A Violeta** (1878-1879, Rio Grande do Sul/RS); **A Violeta**: folha literária dedicada ao bello sexo (17/07/1887, São Paulo/SP); **A Violeta**: Orgam dedicado ao bello sexo de Sertãozinho (1900-1900, Sertãozinho/SP); **A Violeta**: 13/11/1901 e **A Violeta**: 25/04/1902 Orgam crítico, literário e noticioso (25/04, 1902, São Paulo/SP); **A Violeta**: Órgão Grêmio Literário Júlia Lopes (1916–1950 Cuiabá/MT); **Chrysalida** (1907), São Paulo/SP); **Chrysalida**: Folha Literária, Crítica e Theatral (1873, Rio de Janeiro/RJ); **Chrysalida**: orgam do Club literário mineiro (1887–1888, Ouro Preto /MG); **Corymbo** (1883–1944, Rio Grande do Sul/RS); **Dahlia**: as esmas famílias que abrilhantam as reuniões do R. C.G. Portuguez (1894, São Paulo/SP); **Écos Juvenis**: órgão das alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1936 - 1939, Campo Grande/MT); **Echo das Damas** (1879 –1888 São Paulo/ SP); **Fon Fon**: Semanário ilustrado: a revista feita para o lar (1914-1956, Rio de Janeiro/RJ); **Fon Fon**: Semanário, alegre, político e crítico e esfuziante (1907-1954, Rio de Janeiro/ RJ); **Frou Frou**: (1923- 1927, Rio de Janeiro/RJ); **Jornal das Moças** (1914 -1956, Rio de Janeiro/RJ); **Jornal da Senhoras** (1852, São Paulo/ SP); **Momento Feminino** (1947-1956, Rio de Janeiro/RJ); **O Cravo** (1904-1904, Franca, São Paulo); **O Espelho**: revista da vida moderna (1935–1935, Rio de Janeiro/RJ); **O Gyra Sol** (07/07/1901, São Paulo/SP); **O Iris** (01/11/1900, São Paulo/SP); **O Jasmin**: folha semanal (1894- 1984, São Paulo/SP); **O Jasmin**: Órgão da loja da lealdade (1893–1895, São Paulo/ SP); **O Jasmin**: periódico literário e recreativo (1857-1857, Curitiba/PR); **O Jasmin** (13/09/1890–Ouro Preto/MG); **O Jasmin** (10/10/1897, Cuiabá/MT); **O Lyrio**: Órgão literário do Club Lyrio Paulista (08/05/1897, São Paulo/ SP); **O Lírio**: o jornal de variedade dedicado às famílias (1860- 1860, São Paulo/SP); **O Myosotis**: periódico literário e dedicado a juventude 04/05/1890, Corumbá /MT); **Orkhidea**: revista de ciência, arte e polêmica literária (1902 -1903, São Paulo/SP); **Revista feminina** (1914–1926, São Paulo/SP); **Revista Vida Doméstica**: a revista do lar e da mulher (1924–1959, Rio de

Janeiro); **Rosa d'amor** – (1912-1912, São Paulo/SP); **Violeta: Órgão da loja da lealdade** (1888-1888, Piracicaba/SP).

Considerando o levantamento, são 39 as revistas femininas que circularam no início do século XX no Brasil; dessa cartografia, predominantemente, se destaca a região sudeste, sendo São Paulo e Rio de Janeiro, os principais estados. Observando o tempo de duração, destacam-se por um período superior a trinta anos: **O Jasmin**, São Paulo, que circulou por cem anos; **Fon Fon: Semanário ilustrado: a revista feita para o lar**, Rio de Janeiro, com circulação de quarenta e dois anos; outra **Fon Fon: Semanário, alegre, político e crítico e esfuziante** que circulou por quarenta e sete anos; **Corymbo**, Rio Grande do Sul, são sessenta e um anos de publicação e circulação; a **Revista Vida Doméstica: a revista do lar e da mulher**, Rio de Janeiro, sua circulação por trinta e cinco anos; E **A Violeta**, Mato Grosso, que circulou por um período de 34 anos, integra esse conjunto de importantes revistas femininas brasileiras. (grifo nosso)

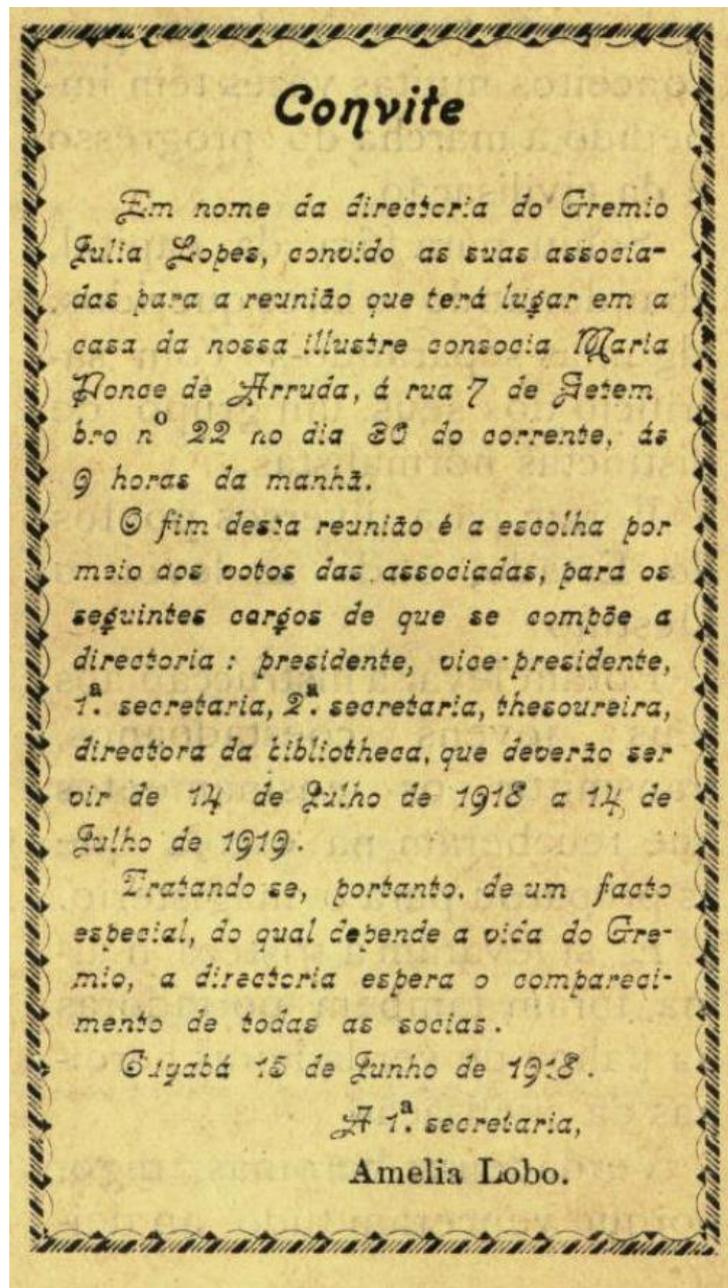
Em Mato Grosso, Cuiabá, o primeiro periódico feminino foi lançado em 10 de outubro de 1897, intitulado *O Jasmim*. Fundado por mulheres da alta e média sociedade local, que buscavam conquistar o seu espaço na imprensa. Elegeram, nessa direção, Leonor Galvão para assumir a redação do *Jasmim* que era impresso na tipografia de Emílio Calhao (MENDONÇA, 1975, 199). Ao criar um jornal editado por mulheres em uma época de domínio absoluto da imprensa masculina, já era de se esperar que a receptividade não fosse favorável. As críticas recebidas relacionavam-se ao primeiro número do jornal que evidenciava o ideário frente às lutas pela emancipação feminina, provocando grande repercussão na época; o que causou divergências entre as editoras e levou ao encerramento do periódico. *O Matto Grosso*, manifestou satisfação pelo encerramento do jornal *O Jasmim*, noticiou: O Jasmim “[...] anuncia as suas leitoras que a bandeira de revolta que tremulava ameaçador no corpo da folha fora arriada em nome do Bom Senso”. (O MATTO GROSSO, 7 nov.1897, 01).

Vinte nove anos após a edição e fechamento de *O Jasmim*, surge a revista *A Violeta*, publicação do Grêmio Literário Júlia Lopes. O grêmio literário nasceu em 16 de novembro de 1916 e, no mês seguinte, fez circular, em Cuiabá, o primeiro exemplar da revista *A Violeta* com “*fim único e exclusivo o cultivo das letras femininas e patricias, abrindo as suas colunas a todas que conosco quiserem colaborar para o engrandecimento moral da nossa estremecida terra*” (*A Violeta*, nº 01,1926). Esse projeto, assumidamente, de exclusividade da escrita feminina implica numa consciência de hegemonia masculina na imprensa do Estado, da mesma maneira que reivindica espaço para as mulheres no setor da imprensa brasileira.

Como projeto interfere de maneira decisiva no cenário das letras e da imprensa em Mato Grosso uma vez que permanece até 31 de março de 1950, conforme catálogo elaborado por Nadaf (1993); portanto por 34 anos, se conformando enquanto projeto de escrita e autoria feminina como a maior revista de Mato Grosso e uma das mais importantes do Brasil.

Evitando os embates políticos, *A Violeta* manteve-se sempre atuante, desempenhando o seu papel, levando informações da capital a algumas cidades do interior e ainda, fora do estado, acerca de assuntos ligados a questões sociais, religiosas, culturais. *A Violeta*, de forma especial, marca o momento de surgimento das grandes indústrias, o crescimento populacional em Cuiabá, a criação de escolas públicas primárias, dando ênfase à alfabetização de homens e mulheres, e às transformações econômicas e estruturais proporcionadas pela modernização.

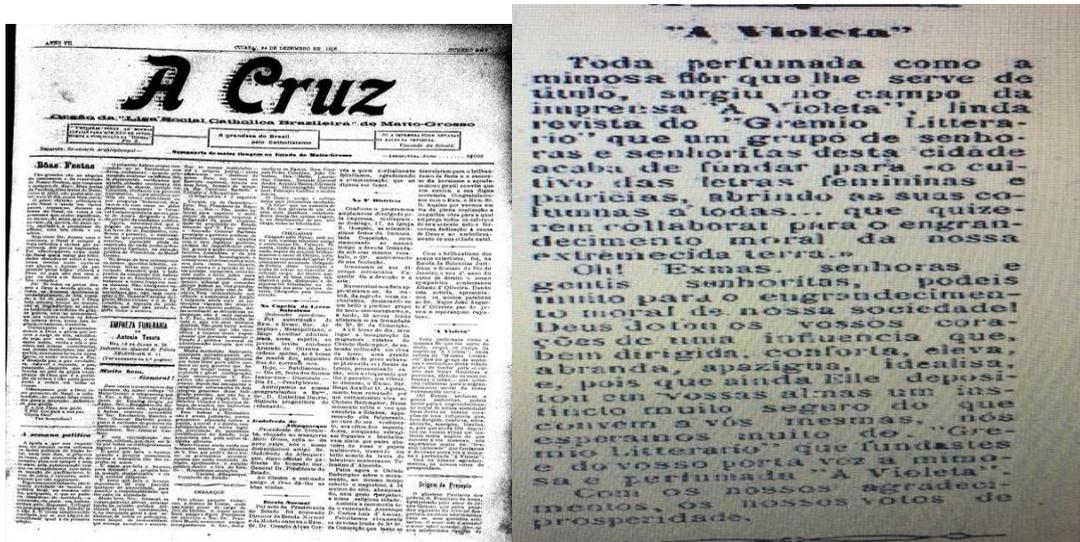
## Uma agremiação de mulheres



A Violeta n<sup>o</sup> 34, p. 7, 1918.

Na primeira metade do século XX, é possível constatar a atuação das agremiações: O clube Internacional de (1904), o Grêmio Álvares de Azevedo (1911), a Liga Mato-Grossense de Livres Pensadores (1909), a Sociedade dos Marinheiros da Marinha Mercante (1919) eram associações de homens. Nesse momento, ganha destaque o Grupo de Teatro Amador, comandado por Zulmira Canavarros (1909) e o Grêmio Júlia Lopes de Almeida (NADAF, 2004).

O Grêmio literário “Júlia Lopes” foi recebido com grande prestígio pela sociedade, por autoridades e por jornais como **A Cruz**, “Órgão da Liga Social Catholica Brasileira de Matto Grosso”.



**Cruz**, “Órgão da Liga Social Catholica Brasileira de Matto Grosso” 1916.

Prestigiadas pelas autoridades, apoiadas por empresários, é estabelecida a abertura da sessão solene do Grêmio Literário “Júlia Lopes”.

A sessão inaugural do nosso grêmio esteve brilhante, graças à presença dos distintos cavalheiros e gentis senhoras que nos quiseram honrar, animando-nos assim de esperança e de um desejo de levarmos sempre avante a nossa missão. A alegria era geral, e, sem modéstia, confessamo-nos sinceramente contentes com a nossa estreia, tanto mais que encontramos apoio de todos, aos quaes nos dirigimos. (*A Violeta* 1916, *apud* Freire, 2007, p. 47).

Na solenidade de abertura, Francisca Figueiredo pronuncia o seu discurso “O Grêmio Júlia Lopes terá por fim único e exclusivo o cultivo das letras patricias, na grande obra do progresso moral de nossa terra” (*A Violeta*, 1916, nº 3, *apud* Freire, 2007). A escolha do nome, Grêmio Literário “Júlia Lopes”, imprime uma consciência literária, o que se confirma nos seus 333 números, da mesma maneira que explicita o prestígio de Júlia Lopes como escritora.

*A Violeta*, embora não seja a primeira revista feminina lançada na capital de Mato Grosso, como já mencionado anteriormente, foi mantida pelo Grêmio “Júlia Lopes”, no decorrer da sua existência. O grêmio literário trabalhou para cumprir as finalidades de acordo com o seu Estatuto, publicado em partes, nas edições nº 31, 32 e 33 de *A Violeta*, de 1918; que define, ainda, as funções dos cargos da diretoria e os valores da mensalidade do Grêmio. Vejamos:

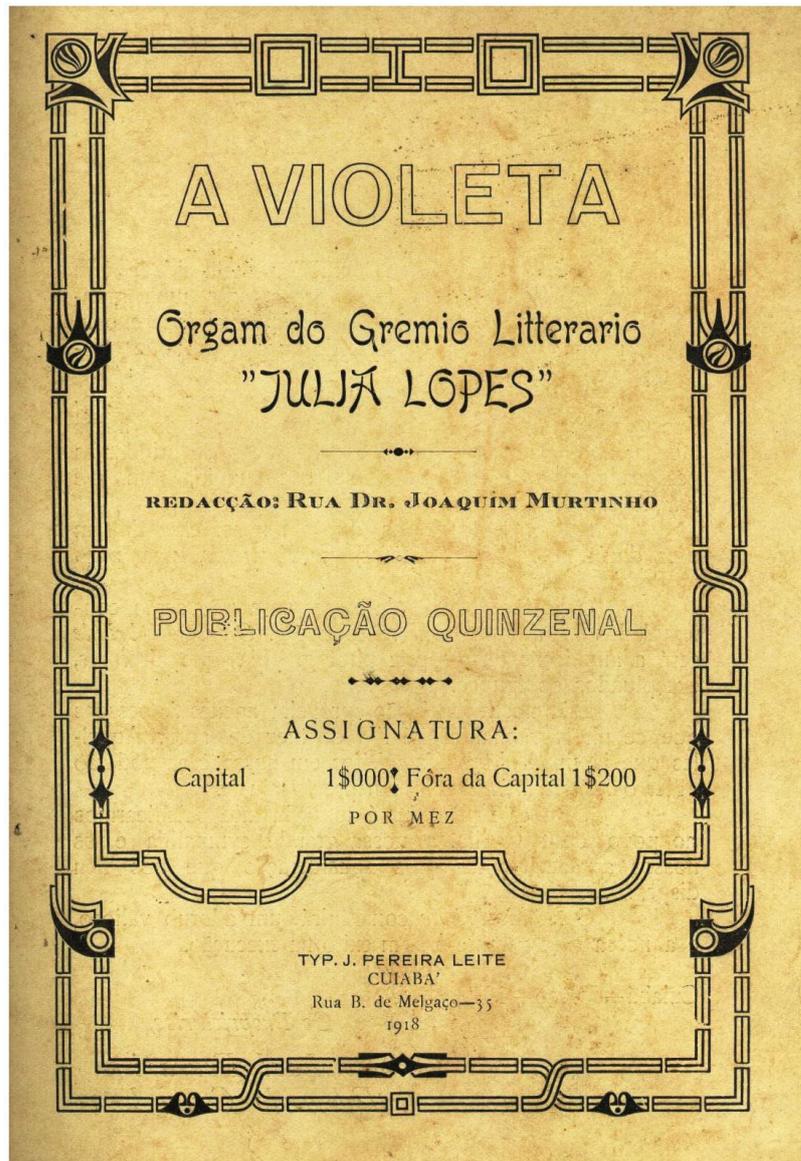
1. Promover o desenvolvimento intelectual das suas associadas, por meio de conferências, discussões de teses sobre assuntos cívicos, morais e instrutivos.
2. Manter uma revista de publicação bimensal, onde colaborem as suas associadas ou qualquer outra escritora desde que não trate de questões políticas, religiosas ou animosidades particulares.
3. Promover festas lítero-musicais, com o fim de desenvolver o gosto pelas artes entre as associadas;
4. Manter uma biblioteca composta de boas obras de literatura, jornais e revistas nacionais e estrangeiras;
5. Criar, quando a diretoria julgar conveniente, tudo o que for necessário para o desenvolvimento intelectual da mulher mato-grossense.

O desenvolvimento intelectual de suas associadas e leitoras dava-se por meio de conferências e discussões de teses sobre diversos assuntos com ênfase em assuntos cívicos, morais e instrutivos. O grêmio procurava manter o gosto pela arte por meio de promoções periódicas de festivais lítero-musicais, que apresentavam conferências, poesias, canto, músicas eruditas, etc. O Grêmio Literário através do seu estatuto lança, em campanhas, lutas pela implantação de uma Escola Doméstica Feminina (1946), em Cuiabá; a construção de uma Estrada de Ferro para o Norte de Mato Grosso; a edificação de um abrigo para velhos desamparados (1941); a construção de um abrigo para crianças órfãs; a distribuição anual de brinquedos e roupas aos carentes no natal; e, a realização de atividades diversas e permanentes em favor do Hospital dos Lázaros e da Santa Casa da Misericórdia de Cuiabá. Para dar prosseguimento a estas atividades, e outras que surgiram ao longo de sua história, o Grêmio Literário “Júlia Lopes” contou com um quadro ilimitado de sócias, distribuídas entre as contribuintes e benfeitoras. As contribuintes pagavam 2\$000 (dois mil réis) mensais e gozavam do direito de receber gratuitamente a sua revista. As benfeitoras não faziam parte da agremiação, porém contribuía com um donativo nunca inferior a 50\$000. Yasmin Jamil Nadaf (1993) informa que “Suas sócias contribuintes formavam um grupo bastante heterogêneo composto por alunas da Escola Normal “Pedro Celestino” de Cuiabá, de

professoras, de funcionárias públicas, de profissionais liberais, de escritoras, de jornalistas e de musicistas de renomada projeção regional.

### Nascimento d'*Violeta*

Em seu primeiro exemplar, a revista *A Violeta* revela seu propósito e define como seu fim “*único e exclusivo o cultivo das letras femininas e patricias.*” Em formato pequeno de 15,5 por 22,5 centímetros, a revista *A Violeta* apresentou diversas capas, predominantemente, sem ilustração.



(*A Violeta*, n° 13, 1918)

A capa apresenta uma “moldura” que divide as informações em três partes. Na primeira, exibe o título em caixa alto, centralizado no topo, informa ainda a origem da revista, e, indica a periodicidade da mesma. Abaixo do título, na segunda parte, as redatoras informam o endereço da redação; nesse caso, situada na rua 1º de Março, nº 13, em Cuiabá, Mato Grosso. Todavia é preciso destacar que *A Violeta* não possuía uma sede, um escritório próprio; as reuniões, recorrentemente, aconteciam nas residências da presidente do grêmio ou diretoras da revista. A distribuição da revista para as associadas era gratuita, enquanto que para o público de Cuiabá, o exemplar avulso era vendido por 1\$000 (um mil réis) e, para os consumidores de outras localidades, custava 1\$200 (um mil e duzentos réis), conforme informados na capa.

As fontes utilizadas na capa e nas seções da revista não sofreram muitas alterações, apenas alguns textos eram diagramados no formato itálico; ou, ainda, os títulos, subtítulos e outros trechos eram destacados com fontes maiores ou cores diferentes. O número de páginas diversifica entre as décadas de 20, 30 e 40 (do século XX), mas é a partir da década de 30, que o número de páginas passa a ser maior, superior a dezessete, chegando, em algumas edições, a vinte e sete páginas. A revista de início foi pensada para ser um periódico quinzenal, passando a ser mensal por questões financeiras.

Essa não uniformidade na periodicidade, essa interrupção temporária inferiu sobre a circulação e a capacidade de financiamento *de A Violeta*.

Quanto à distribuição, era feita de forma informal nas principais repartições da cidade, e encaminhada pelos correios para outras cidades e outros Estados como, por exemplo, o Rio de Janeiro.

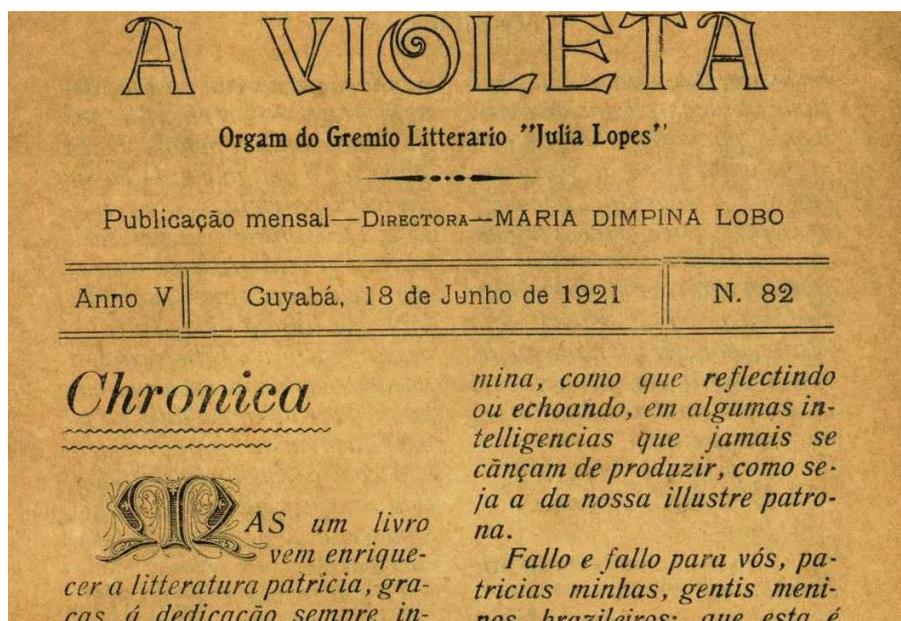
*A Violeta* para conseguir manter suas atividades durante 34 anos, contou com apoio financeiro, material e operacional de pessoas físicas, de empresas e de órgãos oficiais do Estado, dentre as quais: a Tipografia Oficial (da Imprensa Oficial) e a Tipografia da Escola de Aprendizes Artífices (posteriormente chamada de Tipografia da Escola Industrial). Segundo Yasmin Nadaf (1993, 31), “algumas gráficas cobravam por seus serviços, enquanto outras os prestavam gratuitamente, como uma cortesia às senhoras e senhoritas que editavam a revista.

## Das seções

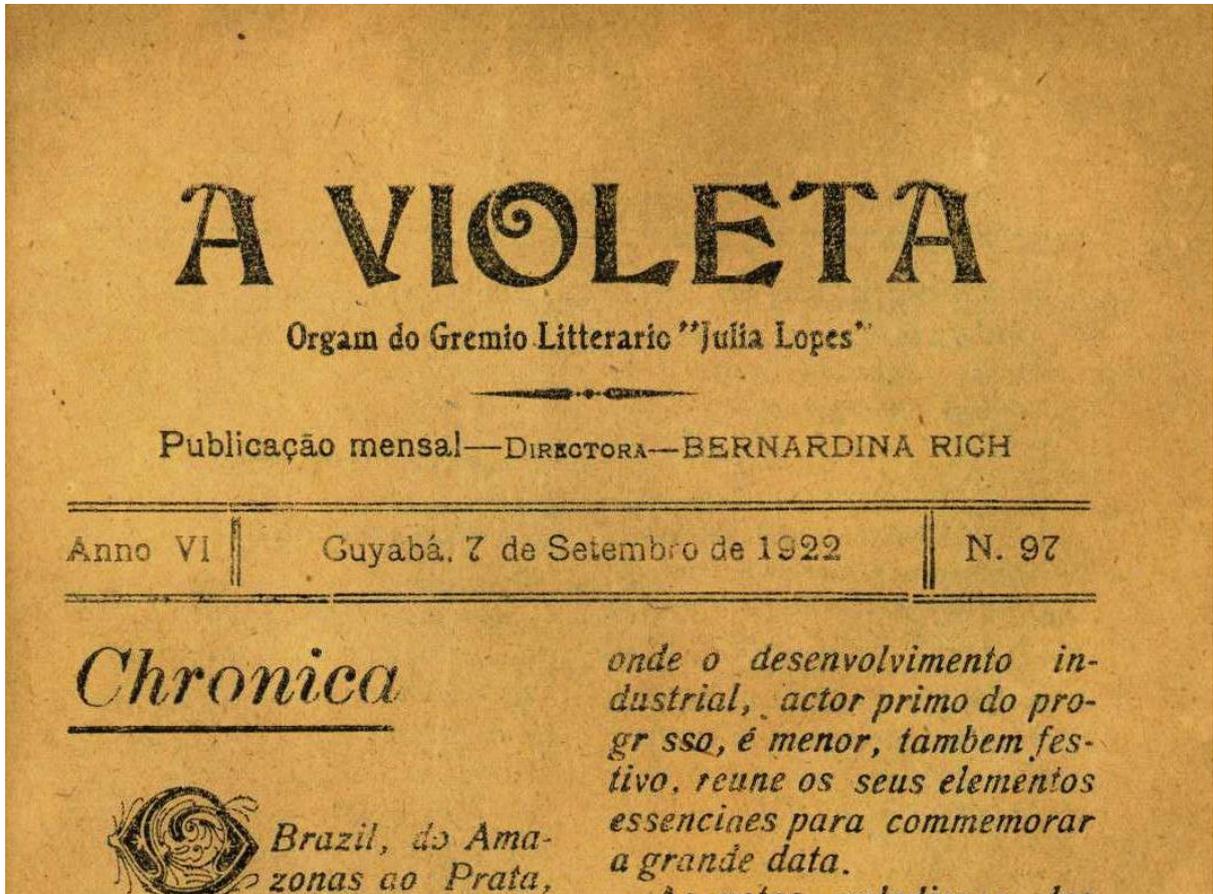
As seções da revista variaram bastante no decorrer dos 34 anos. Do conjunto de seções, somente duas permaneceram sem sofrer alterações: a *Crônica* que abre cada número, e o *Noticiário* que finaliza. Enquanto a primeira seção consiste em uma produção com esforço literário, a última contempla diversas matérias sobre assuntos variados.

Nos primeiros anos, as seções mantidas foram: *Crônica*, *Perfil*, *Na hora do Footing*, *Seção Recreativa*, *Álbum de A Violeta*, *De tudo para todos*, *Noticiário*, *Produções Literárias* e matérias com assuntos variados que percorriam as páginas de *A Violeta*. A crônica era assinada por uma das redatoras, na maioria das vezes, com seus pseudônimos. Enquanto as matérias da seção *Noticiário* consistem em informações variadas, normalmente relacionadas à sociedade cuiabana, desde felicitações por aniversário, casamento, anúncios de falecimento até festividades, carnaval e festas religiosas, como de São Benedito, por exemplo, agradecimentos a colaboradores.

*A Violeta* contava com um corpo editorial de várias redatoras que eram sócias do grêmio. Nos primeiros anos de circulação, destacaram-se as redatoras Maria Ponce de Arruda e Maria Dimpina Lobo que escreviam usando pseudônimos e produziam diversas matérias, em diferentes seções. Considerando as edições que tivemos acesso, nos quatro primeiros anos, *A Violeta* não informava, na primeira página, a diretora da revista; em 1921, número 82, Maria Dimpina Lobo aparece como diretora.



A segunda diretora de *A Violeta*, divulgada também na primeira página, *aparece* no ano 1922, número 97, Bernardina Rich.



Bernardina Rich é também a diretora que ficou por maior tempo à frente da revista *A Violeta*; sob sua direção a revista confirmou um projeto rigoroso de produção e circulação da imprensa dirigida por mulheres em Mato Grosso. Em 1931, *A Violeta* rompe sua tradição em publicar crônica na primeira página, dando destaque à história de Bernadina Rich; uma homenagem para uma das mais importantes diretoras da revista. Somente duas mulheres apareceram na primeira página, com destaque de foto, em *A Violeta*: Bernardina Rich e Júlia Lopes.

# A VIOLETA

ORGAM DO GREMIO LITERARIO "JULIA LOPES"

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTORA — BERNARDINA RICH

ANNO XVIII

Cuiabá, 8 de Abril de 1931

Rs. 215, 216

## D. Bernardina Rich

A efeméride de 10 de Março é para os nossos ditos corações de companheiras e admiradoras da ilustre diretora desta Revista, cheia

de gratas emoções, irradiante de retemperadoras energias aos que como nós, encontram constantemente nessa envergadura de batalhadora infatigável — um exemplo e um estímulo, uma diretora e um objetivo. Vida como a sua, toda dedicada ao Bem do próximo e ao progresso da coletividade à que pertence, obedece como que a um lema traçado em caracteres indeleveis sobre a

alma: «Derrama flores por onde quer que passeis, porque já não voltareis mais a passar pelo mesmo sítio»

Corajosa, empreendedora, leal e enérgica, eis os traços predonantes do seu caráter, avivados por

inteligencia agudíssima e bondade sem limites.

Ela que perlustrou o magistério primário da forma positivamente eficaz porque todos nós matogrossenses o sabemos, imprimiu em cada cora-

ção e em cada espírito dos que foram seus alunos a marca denunciadora da sua influência e a feição invulgar do seu caráter.

Como diretora de "A Violeta" vai por um decênio, completado ultimamente pelo cargo de Diretora Geral da "Liga Feminina Pró Lasaros", continua com devotamento inescandível o seu apostolado a bem da formação do gesto literário da juven-

tude da sua terra e, o outro mais sublime ainda — o da Caridade

Ao alto espírito de nossa ilustre diretora, temos a ventura de saudar nesta data caríssima, apresentando-lhe a homenagem da nossa



Na edição de maio de 1934, *A Violeta* traz uma matéria em homenagem, na primeira página da revista, sobre Júlia Lopes com destaque e foto.

# A VIOLETA

ORGAM DO GREMIO LITERARIO "JULIA LOPES"

---

PUBLICAÇÃO MENSAL      DIRECTORA — BERNARDINA RICH

---

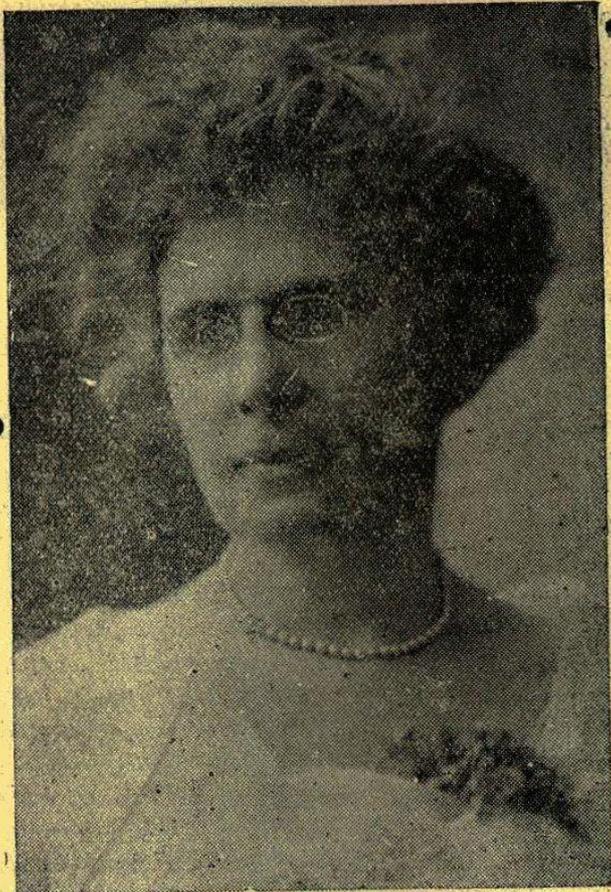
ANNO XVIII	Julia, 31 de Maio de 1934	N. 217
------------	---------------------------	--------

---

## D. JULIA LOPES DE ALMEIDA

Cobrem se de crepe as letras brasileiras, com o desaparecimento da insigne escritora, que em meio século de fecunda actividade literária, legu-nos hoje impereciveis joias de arte e saber.

D. Julia, simbolo da intelligencia e tenacidade femininas, foi um espirito altamente combalivo e creador. Desde muito moça estreou-se nas letras, no campo já difficil, já ingrato do jornalismo. Em crônicas para revistas e alguns dos maiores diários do paiz, fazia-se notar pela simplicidade habil de estilo, como pela elevação e fluência da linguagem. Saliou-se mais tarde em obras educativas didáticas ou não, a par de primorosos e inúmeros romances, todos moralistas, instructivos e nacionalistas, desenrolando-se sempre os seus enredos na inegualavel paisagem brasileira.



Nascida no Rio de Janeiro em 1862, e consorciada com o dr. Filinto de Almeida tambem escritor

Na edição 173, de dezembro de 1929, Júlia Lopes volta a ser homenageada pela Violeta, com destaque na primeira página.



# A VIOLETA

Orgam do Gremio litterario "Julia Lopes"

PUBLICAÇÃO MENSAL

—:— DIRECTORA —:—

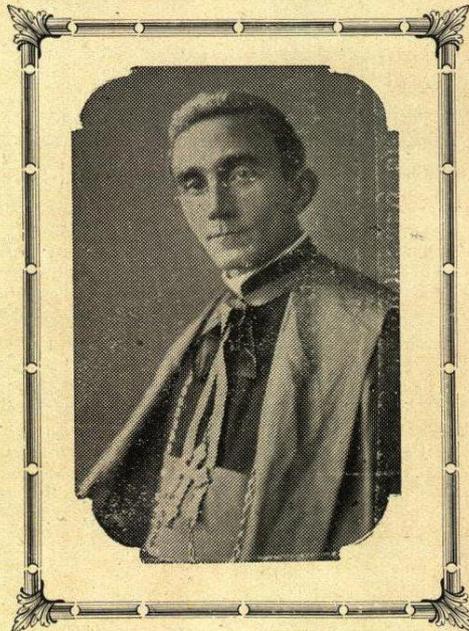
BERNARDINA RICH

ANNO XII

Cuiabá, 31 de Dezembro de 1927

Nº 152

## Homenagem d' «A Violeta»



A S. Excia Revma. D. Aquino Corrêa

## CHRONICA

**E**ngalanada e risonha esta «cidade verde», acolheu em seu seio num amplexo emocionado de sincéras boasvindas, D. Aquino, o filho dilecto, cujo va-

lor muito a tem dignificado e galardoado.

Escrinio de talento raro onde as gemmas preciosas do saber misturam seu fulgor intenso ás magicas scintillações duma inspiração casta e elevada, a alma do nosso Arcebispo deve ter sentido profundamente o carinho dessa recepção captivante que lhe fez a terra natal.

O ingresso á Academia de Letras, dessa formosa organização de estheta, cultor maravilhoso do bello, nas suas manifestações mais elevadas, é uma honra insigne para Mato-Grosso, não deixando de ser por isso um acto de rigorosa justiça dos conspicuos membros daquela colmeia de immortaes, onde será uma figura de relevo maximo, esse espirito cujos olhos se abriram no encantamento da terra mato-grossense e cuja intelligencia foi firamente trabalhada sob o céu luminoso da cidade Eterna.

Estampando o seu retrato numa homenagem respeitosa de humilde membro do jornalismo regional, «A Violeta» léva as expressões do seu regosijo, áquelle

Entre as décadas de 20 e 30 do século XX, considerando os exemplares que tivemos acesso, até o número 218 de outubro de 1934, a revista *A Violeta* teve apenas uma diretora, Bernadina Rich. Nos próximos anos da revista, considerando a década de 40 e o ano de 1950, Maria Dimpina assume a direção. Durante o longo período de existência de *A Violeta* essa direção foi exercida apenas por duas mulheres: Maria Dimpina e Bernadina Rich.

### **Fortuna crítica d'A Violeta**

Faz-se necessário levantamento da fortuna crítica sobre a revista *A Violeta*, considerando-se dois aspectos, sobremaneira: o enfoque e a área de conhecimento. O mapeamento de teses e dissertações foi realizado a partir do banco de dados da CAPES e IBCT. Salientamos que todos os títulos localizados, por instituição e por região, foram relacionados, independentemente da data de sua publicação ou defesa.

De acordo com o banco de dados da CAPES<sup>3</sup> e IBCF<sup>4</sup>, foram encontrados 08 registros de pesquisa, que correspondem: **1993**, uma (01), dissertação de mestrado; de **1994 a 1995** não há registro nas plataformas de dados; **1996**, uma (01) dissertação de mestrado; em **1997** não foi constado nenhum registro nas plataformas de dados; em **2002**, uma pesquisa; em **2003**, duas (02), dissertações de mestrado; em **2005**, uma (01), dissertação de mestrado, em **2006**, não foi constatado nada nas plataformas de dados; em **2007**, duas (02), dissertações de mestrado. E, mais recentemente, a tese, intitulada *Revista A Violeta: a verbo-visualidade e o entrecruzamento de vozes* (2016), de Eliete Hugueney Figueiredo Costa (PUC).

No ano de 1993, *Sob o signo de uma flor: estudo da revista A Violeta publicação do Grêmio Literário Júlia Lopes – 1916–1950*, Yasmin Jamil Nadaf, pela UNESP, apresenta sua dissertação de mestrado sobre as contribuições da revista *A Violeta* para a história da imprensa e da literatura feminina no Brasil. A referida pesquisa apresenta-se dividida em dois momentos: o primeiro que relata a história do surgimento da revista *A Violeta* e o Grêmio Literário “Julia Lopes”, descrevendo elementos estruturais e conteúdos que compõem a revista. A autora nos afirma que é o momento em que se esclarecem as indagações iniciais como “O que se escreveu?”, “Quem escreveu?”, “Como escreveu?”; e, segundo, a ambiguidade, a heterogeneidade e os deslizos, tanto no plano da estrutura quanto do conteúdo da revista; na expressão do pensamento de suas colaboradoras. Esse esforço que a revista realiza em recuperar e divulgar a escrita da mulher, na primeira metade do século XX.

Decorridos três anos, Elizabeth Lannes Bernarndes apresenta, pela UFMT, *Mulheres cuiabanas na Primeira República*. A dissertação perscruta, com base nos textos de *A Violeta*, o pensamento das mulheres da elite cuiabana e seus ideais, suas lutas e conquistas durante a primeira República. Em 2003, Giselle de Almeida Costa, pela UFF, apresenta a sua dissertação com o título *As Moças Flores e a modernidade: uma análise, sobre a viagem das*

---

<sup>3</sup>Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

<sup>4</sup>Instituto Brasileiro de informação em Ciência e Tecnologia.

*idéias no Brasil da primeira República de 1916-1930*. O objetivo da dissertação é analisar a vida intelectual feminina da cidade de Cuiabá e a circulação de ideias que compunham o repertório do projeto de modernidade da Primeira República no Brasil.

A dissertação, *Uma mulher educada educa cem homens: a revista A Violeta e a educação feminina durante o período estado novista em Cuiabá (2003)*, escrita por Gisleine Crepaldi Silva, apresentada na UFMT, discorre sobre a ampliação do espaço social feminino por meio da educação escolar e da profissionalização, durante o período estado novista (1937–1945).

A pesquisa de Maria Inês Parolin Almeida, *A nação em A Violeta: um roteiro de leitura*, pelo IEL/ UNICAMP, em 2003, apresenta o periódico mato-grossense de variedades que circulou pela capital e interior do Estado e, ainda, por algumas localidades do Brasil, continuamente, entre 1916 a 1950.

Em 2005, com a denominação *Rica/ bendita pobre /mal-dita: as cores da mulher em José de Mesquita (1915–1916)*, Luiz Renato de Souza Pinto, pela UFMT, delimita a representação da mulher na obra de José de Mesquita, publicada na revista *A Violeta*.

Enquanto, em 2007, *Imagens femininas nos jornais mato-grossenses (1937-1945) identidades e controle social*, escrito por Carlos Alexandre Barros Trubiliano, pela UFGD, ocupou-se em discutir como a imprensa representa as mulheres. E de que maneira eram produzidas tais representações e qual o lugar social dessa produção. No mesmo ano, Otávio Freire, pela UNIP, a dissertação, *Revista A Violeta: um estudo de mídia imprensa e gênero*, traz à tona a relevância do papel das redatoras e editoras da revista no processo de emancipação da figura feminina, dentro da sociedade tradicional e local. A dissertação de Laís Dias de Souza Costa, (2014), intitulada *Factos e cousas nas crônicas da revista mato-grossense A Violeta (1916-1937)*, apresentada pela UFMT, busca, pelo viés da inexistência de uma abordagem específica sobre as crônicas, analisar os textos dessa seção de *A Violeta* sobre dois temas-eixo: o feminismo e o voto feminino.

Eliete Huguency de Figueiredo Costa em sua tese de doutorado, pela PUC, intitulada *Revista A Violeta: a verbo – visualidade e o entrecruzamento de vozes (1916)*, apresenta e analisa, na dimensão verbo visual da revista cuiabana, como se constitui discursivamente os entrecruzamentos de vozes.

Marinei Almeida, *Sobre Revistas e Jornais: um estudo do Modernismo em Mato Grosso*, exhibe um mapa da atuação de um grupo de poetas de Mato Grosso que produziu jornais e revistas literárias, em condições desfavoráveis, na tentativa da atualização e da

modernização da arte. A pesquisadora dá ênfase ao estudo da imprensa como veículo propagador de novas propostas culturais no contexto mato-grossense.

## POR ENTRE AS MALHAS DO TEXTO: A VIOLETA

Centramos o olhar na estrutura interna de *A Violeta*. Investigamos e detalhamos, de maneira funcional, como a revista está distribuída internamente. Por mais que pareça demasiado cansativo, tal detalhamento se faz necessário em função da necessidade em explorar a conformação de um “projeto discursivo” da Revista.

EDIÇÃO 13 – 8 DE JULHO/1917

# A VIOLETA

Orgam do Gremio Litterario «Julia Lopes»

Publica-se duas vezes por mez

Anno I	Cuiabá, 8 de Julho de 1917	N. 13
--------	----------------------------	-------

### CONVITE

*Para se deliberar sobre a formação da nova directoria que presidirá os destinos do "Gremio Julia Lopes", vimos convidar as nossas estimadas socias para uma nova reunião em a residência da exm. sra. D. Maria Alves de Campos á rua Dr. Joaquim Murtinho n. 5; no proximo dia 9 de Julho, pelas 8 horas da manhã.*

A DIRECTORIA.

## CHRONICA

**O** ANNO é um rosario que Deus houve por bem entregar á Natureza para esta em preces mysticas. agradecer-Lhe a Sua grande bondade e Sabedoria.

Assim é que ao desfilar das contas, no espaço entre 3 e 3, a Natureza inclina-se, ajoelha-se e cerrando as pal-

*pebras em grave meditação, assim penetra no mysterioso sonho das Estações.*

*E' nessa successão ilimitada e ininterrupta que o espirito humano paira em extase e advinha o grande criterio do Grande Pae.*

*E é por isso que Julho em pleno accordo com Agosto entra, para logo sacudir com força as frondes floridas, tapizando o solo de petalas esparsas que ahi se vão estiolar, essas mesmas petalas que em corollas se abriram para saudar Maio quando chegou... Inclemente, mau, dizemos nós!*

*No entanto a corolla rescentidentes que Julho levou o deixa no seu lugar uma pequena tumescencia que será o fructo appetitoso, amarellecido por Setembro...*

*Depois, ao susurrar do vento Sul, vem a monotomia lugubre do cahir das folhas para, despida, a arvore vestir-se de renovos que serão flores, que serão fructos, para depois outra vez morrer...*

Na edição de número 13, julho de 1917, mais especificamente na coluna de abertura, ganha destaque a crônica com a temática o “Anno”. A cronista Mary (sem sobrenome mesmo, conforme assina a crônica) utiliza-se de uma linguagem metafórica para falar sobre o ano e as estações. A crônica apresenta aspecto religioso, revelando o mistério que há por trás da mudança da fisionomia da natureza como mistério da criação divina. A condição do narrador impele ao estado contemplativo, começa em tom de prece, oração, como que agradecendo e termina apresentando a constatação do ciclo da vida, das mudanças das estações.

Na página de abertura dessa edição, utilizando moldura com efeito de destaque, ao mesmo tempo em que permite a separação do texto principal da página (a crônica), as editoras convidam a diretoria do Grêmio Júlia Lopes para reunião, informam data, horário e local.

\*  
\* \*

*A insurreição do heroico povo francez logrando no dia 14 de Julho de 1789 pôr termo com a "Queda da Bastilha" ao jugo a que os nobres, desde Aubriot, o sujeitavam durante 4 seculos, é um facto que o mundo respeita e admira sendo o "14 de Julho" uma data universal.*

*O Brazil novo e forte aprovou com entusiasmo esse gesto de revolta, e a prova foi a que deu a 7 de Setembro de 1822.*

*O velho e vetusto castello erguido em Paris sobre poderoso alicerce, cahiu demolido aos pés dos insurgidos, ao mesmo tempo que cahia para o mundo a cortina que obscurecia a liberdade do povo na reivindicção dos seus direitos.*

*E' nessa data que o "Gremio Julia Lopes" espera levar a festa em seu proprio beneficio.*

*Commemorando essa data patriotica, cuja gloria foi obtida pelo preço de sangue, ao mesmo tempo que uma outra benefica e pacifica só de seia-*

Vejamos, o convite:



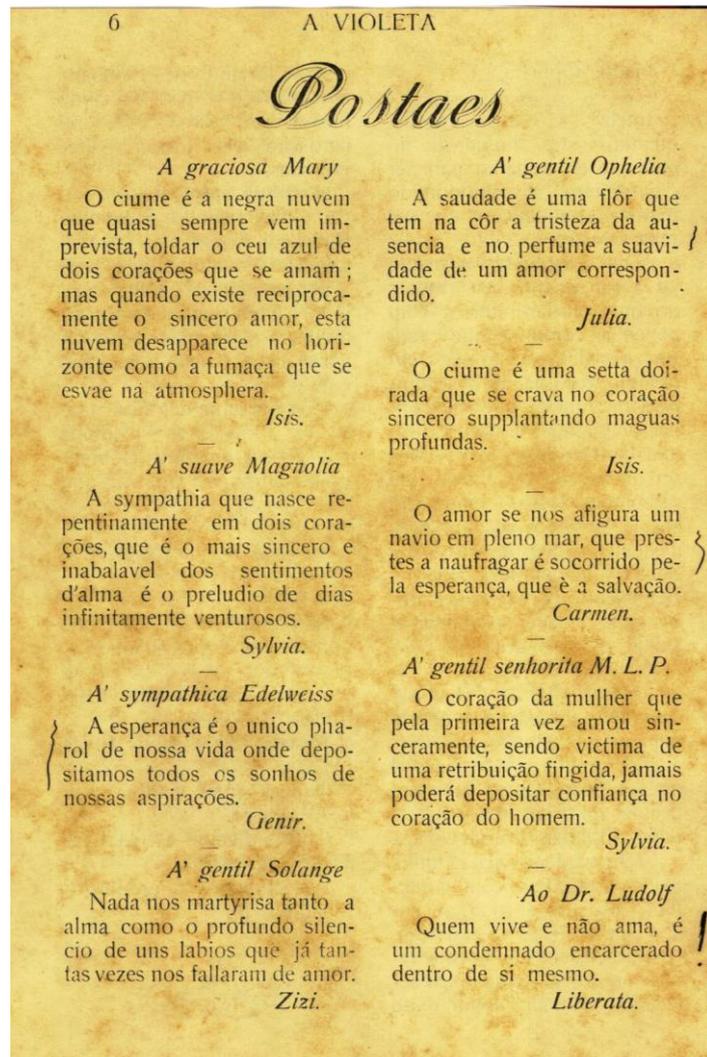
Já na segunda página, as redatoras fazem referência a evento histórico, curiosamente, da história francesa, relacionando-o a acontecimento brasileiro, ao sete de setembro.

Como é possível verificar, a revista procura ampliar o espaço social em que está imersa, trazendo fatos e acontecimentos históricos e sociais, mantendo o leitor informado dos acontecimentos do Brasil e do mundo. A coluna 03, em contrapartida, apresenta o texto “A origem das três Marias”, extraído do livro *Dos*

*Contos para moças*. “Em cinco minutos, quero contar-lhes a origem das Três Marias- aquella contellação de três estrelas, que aparecem no céu como três pontes de luz.” (A Violeta, n.º13, p.3, 1917).

Na seção *Recreativa*, a redatora Ophelia inicia uma brincadeira dedicada a um rapaz com o nome Ludolf, que representa, simbolicamente, o jardineiro que recebe da revista um “Bouquet” de lindas flores perfumadas:

As flores representam secretamente moças da sociedade cuiabana. E, ao fim da seção, é apresentado o nome das moças e qual flores representavam. Já a seção de *Postaes*, localizada na página seis (6), oferece um espaço tradicionalmente conhecido como bilhete, destinado a correspondências simples, rápidas e, por isso, bem curtas.



É neste número que as redadoras inserem uma coluna com uma proposta nova, da seção recreativa, atendendo a um pedido de leitor que sugere um espaço ao *belo sexo*. O texto finaliza com um questionário direcionado a Clorinda de Albuquerque.

ALBUM DA  
 "A VIOLETA,"  
 Seção Recreativa

Um implicante, não direi impertinente, perguntou-me ha dias porque razão não trazia "A Violeta" uma columna da secção recreativa dedicada ao bello sexo, já que a revista á elle pertence.

Pois bem! como a implicancia foi um tanto justa, deposito hoje, numa petala macia da florinha modesta, esta nova recreação dedicada em cada numero a uma das nossas gentillissimas patricias, que certamente não desatenderão ao pequeno peçido porque seria imperdoavel, já que os cavalheiros o não fizeram . . .

Escolho para inicial-a Mlle. Clorinda de Albuquerque que deverá responder ao seguinte questionario :

- 1: Mlle. gosta de flores?... e porque?... quaes são as suas preferidas?
- 2: Quaes são as qualidades. physicas e moraes que mlle. julga indispensaveis no homem?
- 3: O que é que mais lhe desgosta?

Essas tres perguntinhas esperam do talento conhecido de Mlle. Clorinda que, no proximo numero venham esplanadas mui graciosamente offerecendo mais um assumpto attrahente para a pequena revista.

Que as respostas não se façam esperar é o que deseja

*Chloé.*

Tristesas

*A distincta consocia Neén Evangelista.*

— « Sabes, Lili, o motivo que me faz triste, aqui onde tudo é festa, onde cada pessoa traz impresso em seu semblante o sorriso?

Aqui, onde todos brincam e dançam alegres como borboletas que adejam contentes pousando variamente ora numa rosa, ora num jasmim ou encarnada papoula... aqui vou desfolhando lentamente o livro da minha existencia.

Já reli todo o meu passado. Umás paginas estão amarellecidas, salpicadas de lagrimas, letras quasi apagadas.

Essas... demorei-me sobre ellas quando o fatal destino adejava vagarosamente sobre mim; outras, e essas são poucas, estão marcadas com o

*Na Hora do Footing*, de conteúdo prosaico, é uma seção que narra momentos da sociedade cuiabana pela avenida de acácia, do Jardim Alencastro, evidenciando personalidades como Mlle Lenira Figueiredo, Mlle Miretta Bastos, Octávio Pereira, Dr. Palmyro Pimenta, Romeu Pinto, Philogonio e Alcebiades Calháo. Na sequência, o conto "Polaco", de Julia Lopes Almeida, extraído do livro *Histórias da Nossa Terra*.

*plô outras cabanas surgiam e faziam-se assim aldeias cuja população augmentava depressa.»*

DANIEL.

D. Virgínio annotava e exercicio de Daniel, quando ouviu um grito ao fundo da sala.

—Que foi?! perguntou ella erguendo-se.

Então um pequedo acaboclado e r chonchudo respondeu sacudidamente, com ar desdenhoso :

—Foi aquelle polaco que me atirou com a penna á cara!

A' maneira porque o rapazinho pronunciou—polaco—D. Virginia franziu as sombracelhas; mas, voltando-se para o accusado, ordenou:—Explique-se!

O polaco, um rapazinho de oito annos, levantou-se torcendo com desespero a aba do casaco.

Era uma criança clara e cabeçuda, com olhos que nem duas continhas de vidro azul. Depois de alguma excitação, elle começou :

—Desde que entrei para o collegio, que o Frederico me chama polaco, com desprezo, a moda de insulto. Tenho-me calado . . . mas agora . . . a senhora perdô-me, mandei-lhe a resposta.

D. Virginia chamou os dous pequenos para seu lado e perguntou em voz bem alta ao polaco, para que todos a ouvissem, apontando pela janelã aberta para o céu e as arvores.

—De que côr è o céu da tua terra, meu filho?

—Azul, . . . respondeu o pequeno, espantado.

—E as flores dos pecegueiros?

—Côr de rosa . . .

—Que fazem os passarinhos de lá?

—Voam e cantam . . .

—Vêem? Tal e qual como aqui! Meus filhas, a patria do homem è o mundo inteiro.

Em todas as terras a gente ama, goza, sofre, vive e morre do mesmo modo. È justo e natural que preiramos a todos os paizes aquelle em que nascemos e em que vivemos com os quaes mais amamos. Mas por isso será justo e bonito que tratemos com arrogancia e brutalidade os nossos semelhantes que vêm de longe ajudar-nos no nosso trabalho e compartilhar das nossas dôres e alegrias?

Frederico! quando alguma visita vae á casa de teus paes, elles não procuram obsequial-a, tornando hospitaleiro o seu tecto e franca a sua mesa?

—Sim senhora . . .

—Pois se teus paes te dão o exemplo de gentileza e de bôa educação, porque o não segues?

Imagina que talvez a esta mesma hora alguma criança brasileira, desprotegida, erre pelas ruas de uma cidade estrangeira e que sejam as esmolãs dos estrangeiros que lhe matem a fome . . .

Oihas para mim admirado, sem comprehender a hypothese de que um brasileiro possa sotrir miseria? Quando fôres grande e tiveres observado o mundo, verás que tudo pode ser . . . Agora con'essem-me ambos que estão arrependidos, um da intenção de offender, outro da brutalidade da vingança. Que vos resta fazer?

Frederico e o polaco avançaram pausadamente um para o outro e estreitaram-se em um longo abraço.

—Muito bem! exclamou a mestra; agora sentem-se um ao lado do outro e estudem a mesma licção, no mesmo livro.

Os meninos sentaram-se, e ella, voltando-se para Daniel, disse:

—Para a semana, o seu thema será este — *confraternisação!*

(Do livro *Historias da nossa Terra*)

## As rosas

Amo as flores que matizam os campos de variegadas cores; amo as flores que perfumam a athmosfera, amo as flores que adornam os altares dando-lhes um quê de sublime e casto; amo as flôres que adornam os tumulos exprimindo as saudades dos que em um trío sepulchro têm encerrado o bem que tanto amou.

È porque não amar tanto assim si ellas tantas e tão varias, em sua mudez mysteriosa inspiram a um grande numero de poetas que as decantam de modos varios?

È esses elogios ellas bem os merecem.

Quem não achará encanto ao contemplar o semblante candido da noiva ornado da tradicional e symbolica grinalda de flores de laranjeira?

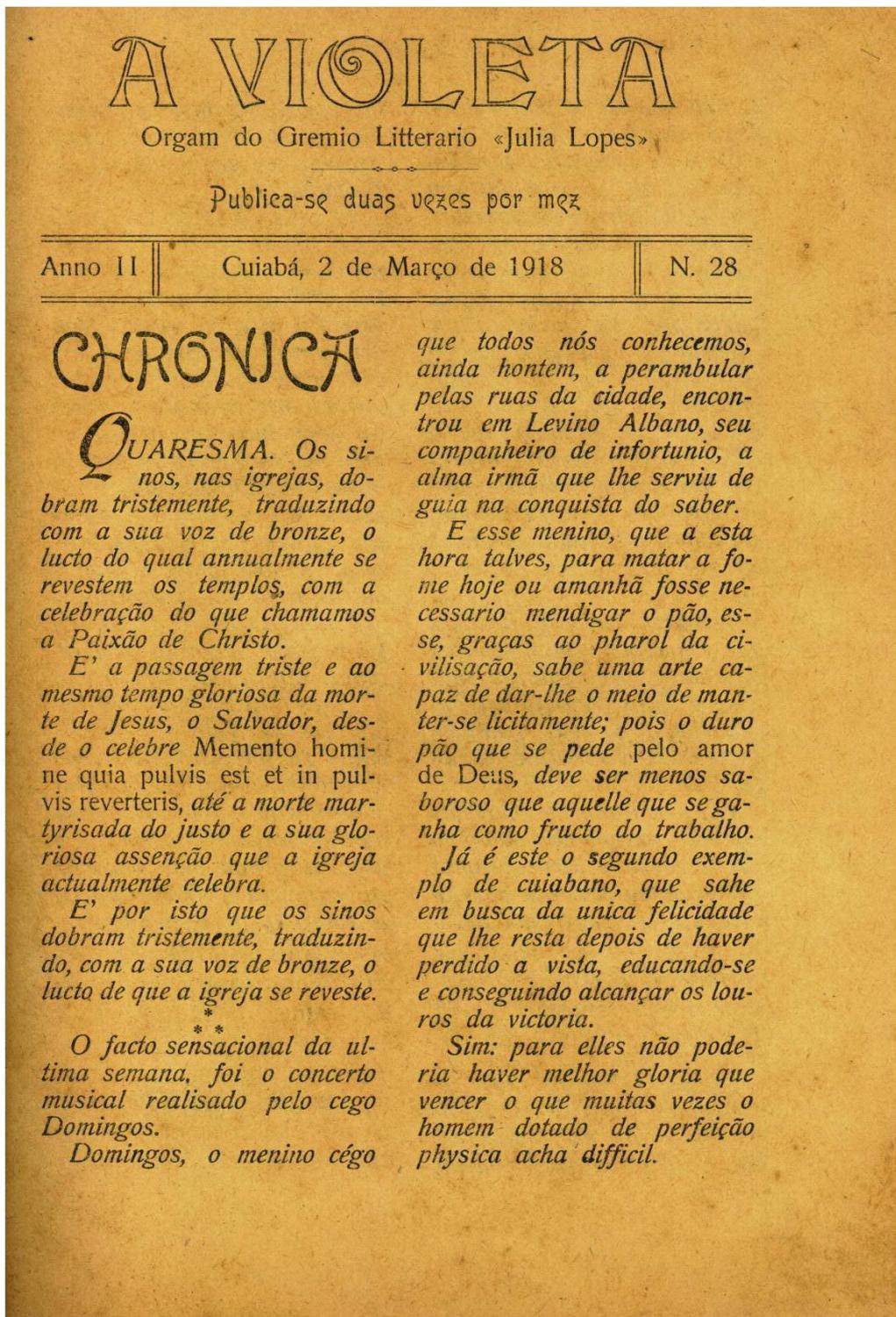
As angelicas, rosas brancas, lyrios e açucenas não exprimem a pureza dos altares?

Que lembrança melhor que as coroas de saudades, para os tumulos?

Mas dentre todas as flores as que mais aprecio, as que quero que me ornem tanto na vida como na morte, são as rosas.

È a razão è muito simples.

A seção *Noticiário* exhibe diversos assuntos ligados a sociedade local, fatos e acontecimentos que podemos citar, tais como enlace matrimonial, aniversários e festejos de São Benedito.



A *Violeta* de número 28, de 1918, inicia-se com uma crônica escrita por Arinapi, tendo como tema central a Quaresma, a paixão de Cristo. Iniciada em tom eloquente, a crônica exprime o tempo que marca a morte de Cristo.

*QUARESMA. Os sinos, nas igrejas, do-  
bram tristemente, traduzindo  
com a sua voz de bronze, o  
lucto do qual annualmente se  
revestem os templos, com a  
celebração do que chamamos  
a Paixão de Christo.  
E' a passagem triste e ao  
mesmo tempo gloriosa da mor-  
te de Jesus, o Salvador, des-*

Finda a primeira coluna, a crônica sofre uma ruptura, uma mudança de tom e tema, introduzindo fatos recentes, acontecimentos vivenciados pela sociedade cuiabana naquele período.

*O facto sensacional da ul-  
tima semana, foi o concerto  
musical realizado pelo cego  
Domingos.  
Domingos, o menino cego*

*que todos nós conhecemos,  
ainda hontem, a perambular  
pelas ruas da cidade, encon-  
trou em Levino Albano, seu  
companheiro de infortunio, a  
alma irmã que lhe serviu de  
guia na conquista do saber.*

O texto é marcado por pausa, que podemos deduzir não somente como uma prática gráfica comum do período. De todo modo, o que se verifica sempre é uma mudança de assunto ou de linguagem, sempre inserindo uma informação, em linguagem coloquial, sobre o presente da sociedade em Cuiabá. A redatora também retoma o referido texto e usa a imagem da figura ilustre de Domingos para abordar questões sociais, tais como a inclusão e as oportunidades de trabalho que surgiam na época.

Na página 03, de *A Violeta*, as redatoras apresentam, ao leitor e aos associados, o texto “A Mulher Triumpha”, destacando conflitos históricos, relata a luta da mulher inglesa e norte-americana pelo direito ao voto.

## A mulher triumph

*O direito de voto é concedido  
às inglezas e americanas*

As senhoras estão de parabens. A rigida Inglaterra e a democratica America do Norte concedem-lhes simultaneamente o direito do voto. São, pois, felicitações bem merecidas, visto que a conquista vem depois de mil combates de verdadeiros exercitos organizados em todos os paizes, para propugnar por essa idéa.

Mrs. Pankurst e as suas filhas foram nos ultimos annos as orientadoras na Inglaterra dessa campanha. A historia é de hontem e não precisamos repetil-a. Londres durante cinco annos assistiu aos mais comicos episodios as scenas mais burlescas, preparadas pelas suffragistas e em que, não raro, participavam, bem a contra gosto, um velho ministro, um grave lord, um elegante depütado ou ás vezes, um severo ministro de Deus. A propria familia real não pode eximir-se de todo á irreverente propaganda suffragistas. O Snr. H. Asquith, quando primeiro ministro, foi igualmente alvo da vingança

das adeptas de Mrs. Pankurst, e viu sua filha atirada a um rio e elle obrigado a um banho forçado.

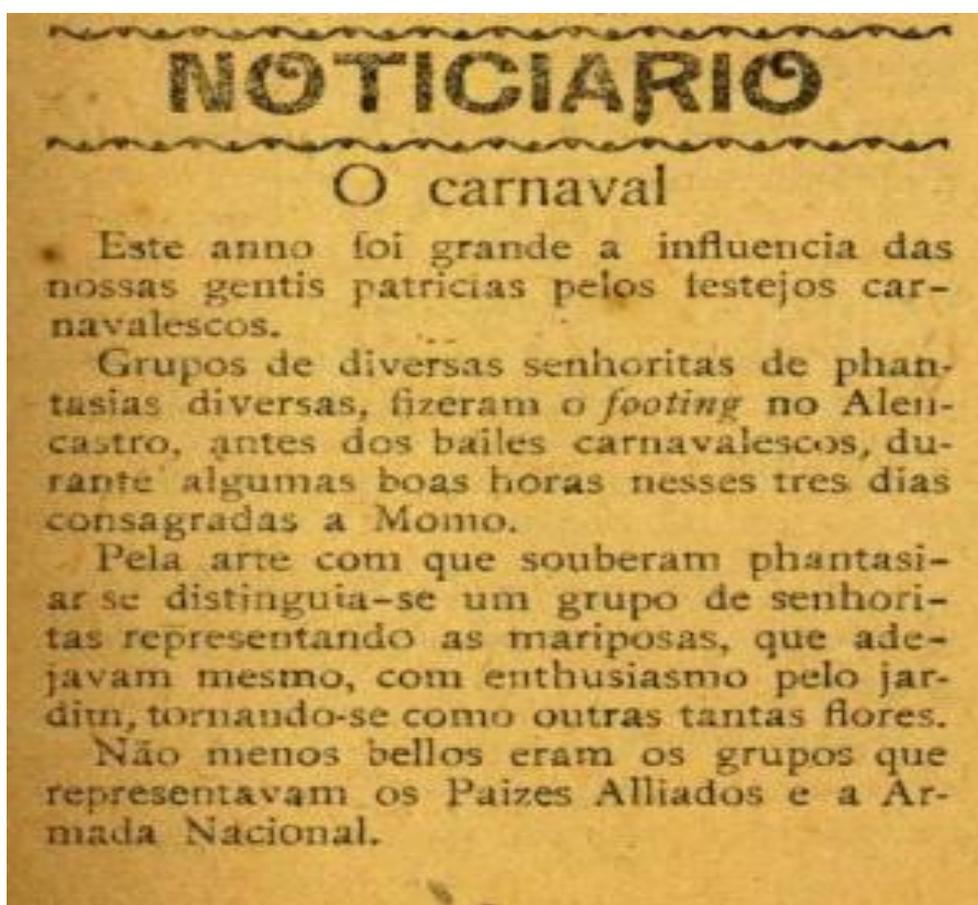
Depois a propagando suffragista descambou para a violencia e as bombas de dynamyte começavam a explodir na igreja de São Paulo, no Banco da Inglaterra, e incendios foram ateados nas residencias dos politicos apontados como contrarios ao suffragio feminino. A policia respondeu com a mesma violencia e as suffragistas começaram a ser presas e condemnadas. Ellas, porém, recorreram então á "greve da fome" e quasi todas, oito dias depois de encarceradas, eram postas em liberdade, porque nenhum magistrado inglez se queria responsabilisar pela sua morte...

Com a guerra, a situação modificou-se quasi radicalmente. As irrequietas suffragistas empregaram toda a sua actividade na propaganda patriótica, fizeram-se enfermeiras foram trabalhar nos campos ou nas usinas. E depois de um anno de inestimaveis serviços ao paiz levantaram de novo a cabeça, e recommençaram a sua propaganda. E tan-

A conquista da mulher é destaque em *A Violeta* e absorve, num processo contínuo, de edição para edição, um projeto emancipatório. O direito ao voto é pauta de *A Violeta* em defesa das mulheres, em defesa da cidadania. Com base em acontecimentos históricos, que se filiam a datas "cívicas", toda a discussão proposta pela revista indica uma estratégia enunciativa, um cuidado com a pesquisa documental. Faz-se exemplo este texto *A Mulher Triumph*, indicando a fonte "Da noite, 11 de janeiro de 1918.

Na sequência, o pequeno texto que narra a história de José, o ceguinho do tempo da Escola, a saída do colégio, o seu ressurgimento adulto como pianista. Logo mais, deparamos com o texto *Devaneio*, que a redatora Arinapi dedica à gentil Lola de Oliveira. O texto apresenta, de forma singela e delicada, a solidão de um amor não correspondido. “Ali, onde eu estava, a vida me era indiferente era a minha tristeza aos que me cercavam” (*A Violeta*, nº28, 1928). O texto “O vestuário feminino” (Do Livro das Donas e Donzellas), aborda e questiona a forma como as mulheres da sociedade cuiabana deveriam se vestir perante a sociedade. Na edição de n.º 28 de 1918, há uma seção dedicada a “Avisos diversos”.

Na coluna *Noticiário* há diversos assuntos, tais como o carnaval, aniversários, ofertas, e chegadas de pessoas ilustres da sociedade.



O carnaval representa a cultura popular presente nas páginas d' *A Violeta*, reforçando o pensamento de que a revista não é apenas uma fonte de informação social, inserida num espaço que traz não somente notícias, mas conforma o objetivo claro de formação do público. Mais que informar, a revista *A Violeta* procura, pelo conjunto dos seus textos, formar um público leitor em Mato Grosso.

EDIÇÃO 31 – 30 DE ABRIL/1918

**A VIOLETA**

Orgam do Gremio Litterario "JULIA LOPES"

---

Publica-se duas vezes por mez

---

Anno II	Cuiabá, 30 de Abril de 1918	N. 31
---------	-----------------------------	-------

---

**Chronica**

**C**OM a aproximação do anno de 1919, em que o nosso grande e amado Estado festejará o seu segundo centenario é de notar-se o despertar de uma febril animação que faz palpitar num accorde unisono todas as veias e todos os corações matto-grossenses.

Verdadeiramente é assim que se pode notar o grande amor, a acendrada affeição deste povo a esta terra.

Oh! Matto-Grosso! como o teu orgulho deve ser extraordinario!...

Cuiabá, será a séde dos festejos, que constarão de multiplos e variados actos, os quaes pelo programma se deprehende, serão magnificos.

A realisação desse ideal alimentado desde alguns annos por um grupo de abnegados

e entusiastas conterraneos, fará uma revolução geral de caracter social, moral, intellectual e material.

O grande beneficio que advirá de tão nobre empreendimento, surgirá como um encantamento e espalhar-se-ha por sobre a amplidão abençoada do nosso territorio.

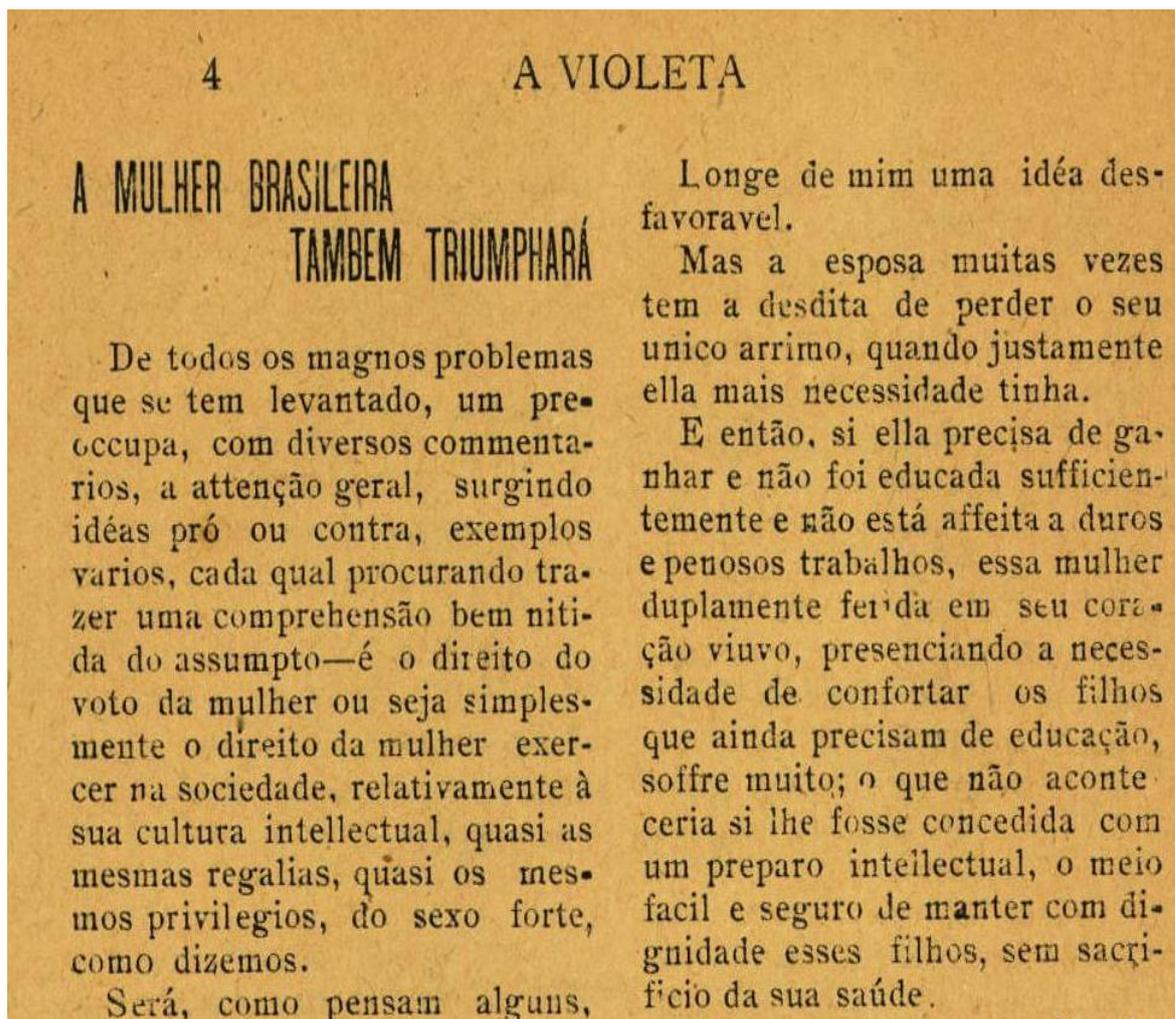
E então que a arvore nascida não se poupe o sol do patriotismo, nem o alimento da razão, para que não a vejamos morrer secca e amarellecida antes mesmo que nos dê a savorosidade dos seus fructos sazonados.

Mas não! o povo que hoje vibra n'uma emoção verdadeira não é voluvel nem fatuo, e o futuro, de agora em diante mostrará o valor, o civismo e o altruismo matto-grossense.

De agora sim, que um motor poderoso soube accionar num só impulso tudo quanto é vitalidade, tudo quanto é emoção e sentimento dos filhos desta terra.

Nesta abertura da edição, a crônica, assinada por Mary, narra a aproximação do ano de 1919 em que Cuiabá festejará o seu segundo centenário. Logo em seguida há uma ruptura no

texto e a redatora passa relatar fatos e acontecimentos do cotidiano. A terceira página apresenta a poesia com o título *Coragem*, de autoria de Andradina de Oliveira. A quarta página é escrita por Arinapi, cujo artigo intitula-se “A Mulher Brasileira também Triunfará”, retomando a discussão do direito ao voto como uma questão imperiosa para as mulheres brasileiras.



De todos os problemas sociais (educação, desigualdade, pobreza) enfrentados pela *A Violeta*, a pauta do direito ao voto das mulheres brasileiras é uma constante. Esse tema é explorado como crítica pela diferença de direitos (entre mulheres e homens) que, por sua vez, corrobora a diferença como sinônimo de inferioridade. “As mulheres não são inferiores aos homens” é a reflexão e crítica proposta pela *A Violeta*, seja em forma de crônica, seja em forma de palestras e conferências, organizadas pelo Grêmio Literário “Júlia Lopes”, como veremos mais adiante.

### A MULHER BRASILEIRA TAMBÉM TRIUMPHARÁ

De todos os magnos problemas que se tem levantado, um preoccupa, com diversos commentarios, a attenção geral, surgindo idéas pró ou contra, exemplos varios, cada qual procurando trazer uma comprehensão bem nítida do assumpto—é o direito do voto da mulher ou seja simplesmente o direito da mulher exercer na sociedade, relativamente à sua cultura intellectual, quasi as mesmas regalias, quasi os mesmos privilegios, do sexo forte, como dizemos.

Será, como pensam alguns, um erro crasso, conceder á mulher o direito do voto, franqueando-lhe as portas, por onde possa ella entrar para, ás vezes com vantagem, contribuir com o fructo da sua intelligencia para o engrandecimento patrio?

Será para os homens, motivo de censura, encontrar em sua companheira de lar, uma collega que com elle trabalhe para a realisação dum ideal justo e nobre?

Esta lei vae afastar da mulher o direito de exercer o seu primeiro, o seu mais sacrossanto dever, a missão mais nobre para a qual nasceu?

Vejamos pelos argumentos que se seguem, argumentos falhos de belleza de fórma, onde não entram palavras buriladas, mas onde muitas verdades vão apparecer.

A missão da mulher, dizem-nos, está no lar; é como esposa amantíssima, irmã dedicada, filha extremamente amante.

Longe de mim uma idéa desfavoravel.

Mas a esposa muitas vezes tem a desdita de perder o seu unico arrimo, quando justamente ella mais necessidade tinha.

E então, si ella precisa de ganhar e não foi educada sufficientemente e não está affeita a duros e penosos trabalhos, essa mulher duplamente ferida em seu coração viuvo, presenciando a necessidade de confortar os filhos que ainda precisam de educação, soffre muito; o que não aconteceria si lhe fosse concedida com um preparo intellectual, o meio facil e seguro de manter com dignidade esses filhos, sem sacrificio da sua saúde.

Está, por venturar, cuidando dos filhos com mais vantagem, aquella que minando a sua existencia, enthiisicando-se, envelhecendo prematuramente passa dias e noites, curvada em uma machina ou entregue a outro trabalho penoso, unico recurso que lhe resta na vida?

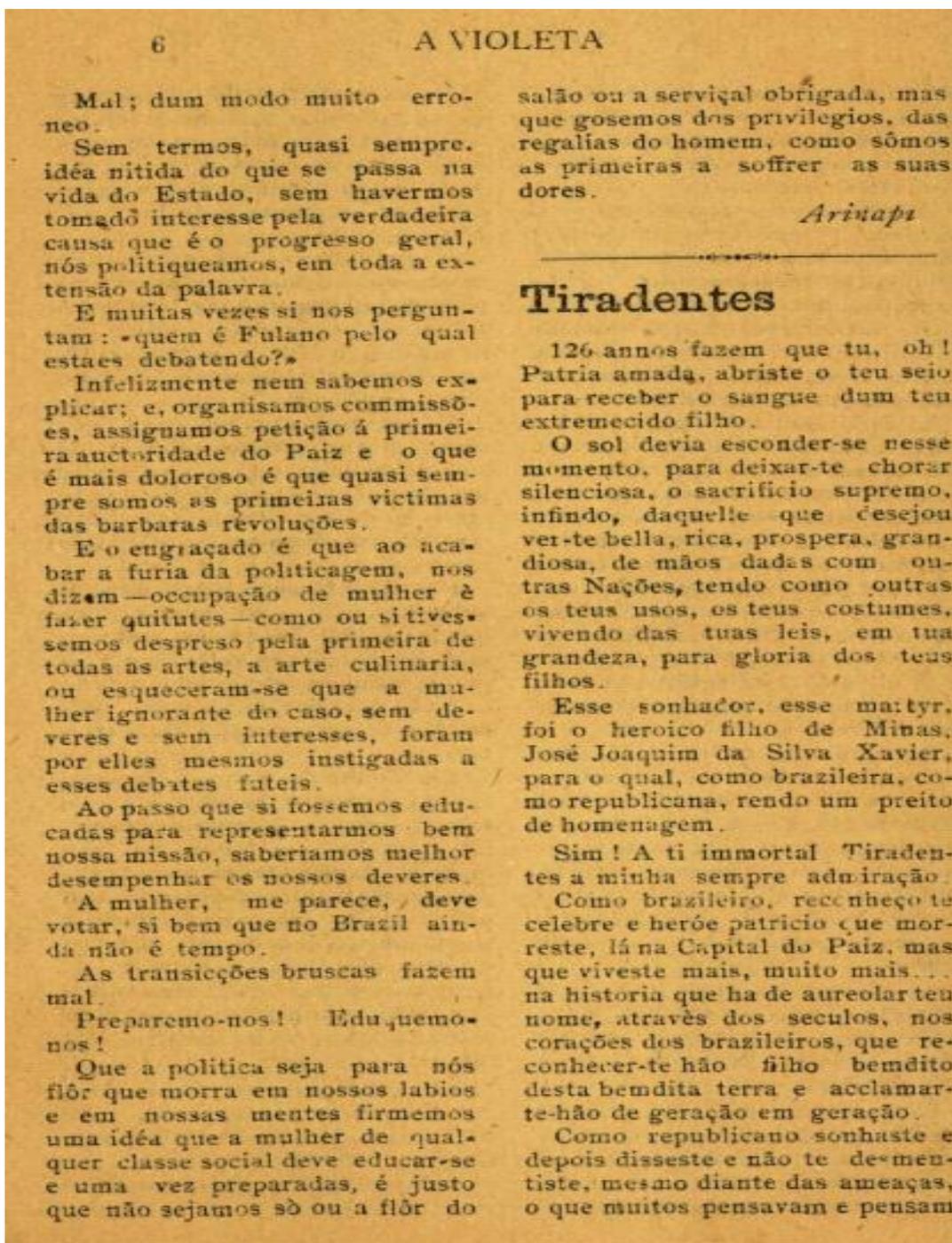
Atè agora, só na vida do magisterio a mulher pode trabalhar, quando deseja aproveitar do seu estudo, ou delle tenha necessidade; e exemplares mães e esposas temos no magisterio publico ou particular, sem que por isto tenha morrido no seu coração a flor que ella allí traz implantada—o amor, o carinho.

Por ventura enquanto a costureira, a professora, outra qualquer profissional trabalha, cuida dos filhos, ou delles se esquecem?

Nem uma, nem outra cousa. E' a mamãe, a vovó, a titia que estão encarregadas e quando ella volta do seu labor quotidiano,

O texto intitulado *Tiradentes* abre a seção da redatora Aurora, que anuncia os 126 anos de morte de Tirantes “126 annos fazem que tu, oh! Pátria amada, abriste o teu seio para receber o sangue dum teu estremecido filho” (A Violeta, 1918). Nesta edição se verifica que a cronista absorve o motivo indicado por data especial e comemorativa, portanto de marco histórico, para conduzir a temática e a reflexão propostos pelos seus textos. E, nessa direção, há uma forte tensão ideológica camuflada na notícia, uma tensão que não chega a ser

agressiva, mas reverbera nas acomodações discursivas uma insatisfação na relação entre o passado e o presente.



Se o mês da edição é abril, duas datas são comemoradas no Brasil: uma primeira que conclama o descobrimento do Brasil, em 22 de abril; e, uma segunda data (21 de abril) marco da morte de Tiradentes. As redatoras, de *A Violeta*, encolhem dar destaque a Tiradentes. A perspectiva é a de Tiradentes que, antes de herói e mártir, foi destituído da dor por uma violência impingida, decorrente da luta pela terra brasileira livre. A palavra liberdade é

empenhada várias vezes nesta edição, considerada aqui como uma das edições mais combatentes de *A Violeta*.

lo mais tarde, a idéa do incon-  
fidente mineiro, morto vilmente  
na praça publica, surgiria glori-  
osa, dominando o paiz..

(Do livro *Historias da Nossa Terra*,  
de *Julia Lopes de Almeida*)

A seção *Noticiário* apresenta aniversariantes do mês e informa, nesta edição, sobre a Conferência Literária de Mne. Andradina, no dia 08, no cine *Parisien*, com tema “A mulher não é um ser inferior”

12 A VIU

CONFERENCIA  
LITTERARIA

No proximo dia 8 no Cine Parisien terá logar uma conferencia litteraria que versará sobre o titulo "A Mulher não é inferior ao homem" dita pela distincta rio grandense, cuja palavra já tem sido apreciada com gosto, Mne. Andradina.

Esta conferencia foi pela insigne conferencista dedicada ao Gremio Julia Lopes.

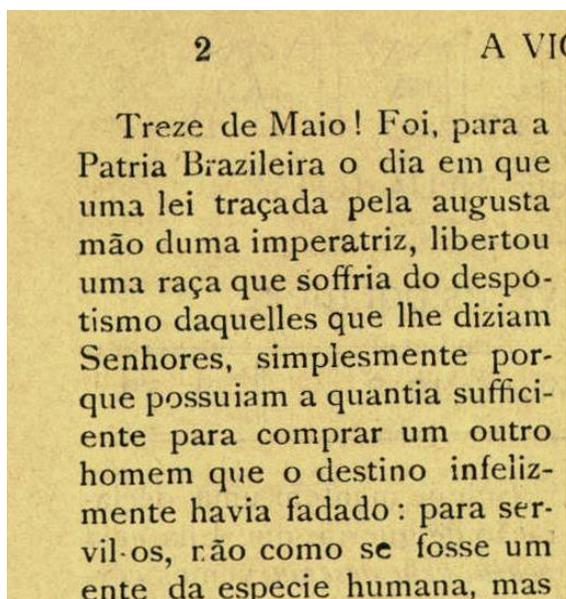
Espera-se uma grande concurrencia da qual se faz merecedora Mme Andradina, porquanto ouvi-la é ajuntar o util ao agradavel, pois as suas conferencias são intelligentes e de estylo fino.

Além da conferencia haverá uma parte musical feita com gosto.

O convite para Conferência que homenageia Júlia Lopes, organizada pelo Grêmio Literário, compõe esta que parece ser uma das mais combatentes edições de *A Violeta*. Somando-se ao texto “A mulher brasileira também triunfará”, ao poema *Coragem*, de Andradina de Oliveira, *Tiradentes*, de Aurora e, *Um Martyr* (retirado do livro *Histórias de nossa terra*, de Júlia Lopes de Almeida), explicita-se um projeto da revista *A Violeta* que expõe, pela seleção de seus textos e pelas agendas culturais, uma condição crítica frente ao contexto social.

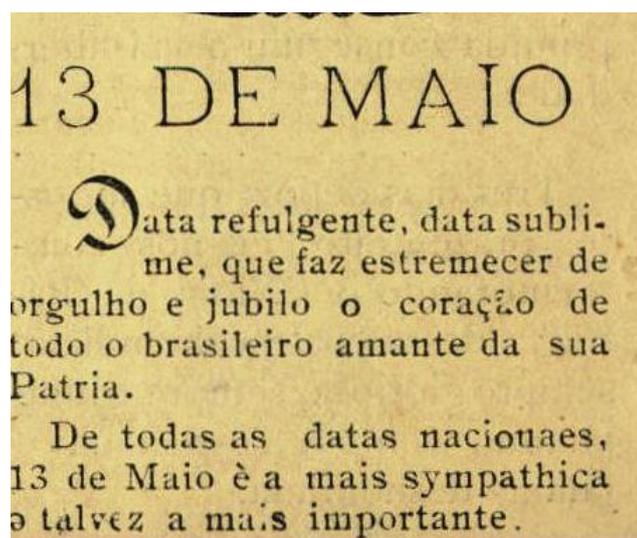


prolongamento histórico, como mês de Maria, é o mês do Brasil, é o mês “que uma raça oprimida conseguiu sua liberdade”.



O caráter combativo e antiescravista da revista sinaliza consciência humanitária, consciência política sobre o processo histórico brasileiro. Uma consciência crítica diante da constatação de que não se constrói uma nação forte e livre, em uma sociedade que prima e defende a escravidão. Mais uma vez, a data histórica, neste caso, *a libertação de escravos*, funciona como o “motivo” de orientação do debate proposto pelos textos de *A Violeta*.

Na sequência da Crônica, insistindo na temática da escravidão, *A Violeta* traz o texto “13 de maio”, do livro *História da Nossa Terra*, de Júlia Lopes.



Dois textos exploram a escravidão no Brasil; decorridos 30 anos do fim da comercialização de seres humanos, considerados escravos no Brasil, *A Violeta* aborda o tema de duas maneiras: uma primeira, na crônica, muito mais reflexiva e crítica; e no texto *13 de*

*maio*, em tom eufórico, comemorativo, alude para importância de uma nação mais justa, sem escravidão.

Na página 4, Júlia Lopes de Almeida publica carta ao filho, “O Soldado Brasileiro” (do Correio de Macahés). Em sua carta narra a história de um soldado e o sofrimento da mãe pela perda do filho. “Hoje és Deus, que lê na minha alma e reconhece as minhas acções, posso erguer a minha humilde cabeça. Convicta de que cumpri o meu dever de brasileira, creando te educando te em condições de fazer de ti um patriota” (A Violeta nº 32, 1918) *Na Hora do Footing*, o momento na praça do Alencastro, em final da tarde de domingo, entre os cavaleiros e as gentis *mademoiselles* que representavam os *flertes*, os namoricos. A trivialidade do domingo na cidade de Cuiabá e os encontros na praça Alencastro representam, de maneira muito próxima, o presente e dos hábitos da sociedade cuiabana, numa linguagem também trivial.

Nesta mesma edição, a redatora apresenta o Estatuto do Grêmio “Júlia Lopes”, nas atribuições da Diretoria.

## Estatutos do Gremio "Julia Lopes"

## DA DIRECTORIA E SUAS ATTRIBUIÇÕES.

## ARTIGO 9º

1º A directoria do Gremio compor se-ha de seis membros, a saber: Presidente, vice presidente, duas secretarias, thesoureira, e directora da bibliotheca, que serão eleitas para um anno.

2º A eleição se fará em Junho em dia designado pela directoria e publicado anteriormente.

3º A oradora será escolhida dentre os membros da directoria.

## ARTIGO 10º

A' presidente compete:

1º Presidir todas as reuniões do Gremio e da directoria.

2º Desempatar votações com o voto de qualidade.

3º Resumir as discussões de qualquer materia tratada em Assemblêa geral e submetel-a á votação.

4º Abrir, rubricar e encerrar os livros em que se fizer a escripturação do Gremio.

5º Nomear comissões para representarem o Gremio em qualquer solemnidade para que fôr convidado.

6º Convocar os demais membros da directoria sempre que houver esta de resolver sobre assumpto de sua competencia.

7º Apresentar em Junho, publicado pela "A Violeta" órgão do Gremio o deve e haver dado pela thesoureira e expor como deixa a associação á sua substituta.

## ARTIGO 11º

A' vice presidente compete substituir a presidente nos casos de impedimento ou falta até que se faça nova eleição.

## ARTIGO 12º

A' 1ª Secretaria compete:

1º Lavrar as actas da Assemblêa Geral e o das reuniões da directoria.

2º Fazer as publicações necessarias.

3º Ter a seu cargo a escripturação de cartas e officios.

4º Encarregar-se da distribuição de revistas dentro e fóra da capital, apresentando a thesoureira uma lista nominal dos respectivos assignantes.

## ARTIGO 13º

A' 2ª secretaria compete:

1º Substituir, em caso de necessidade, a convite da presidente, a 1ª secretaria quando esta absolutamente não puder exercer o seu cargo.

2º Ajudar a thesoureira no balanço a fazer no 5º dia util de cada mez.

(Continúa)

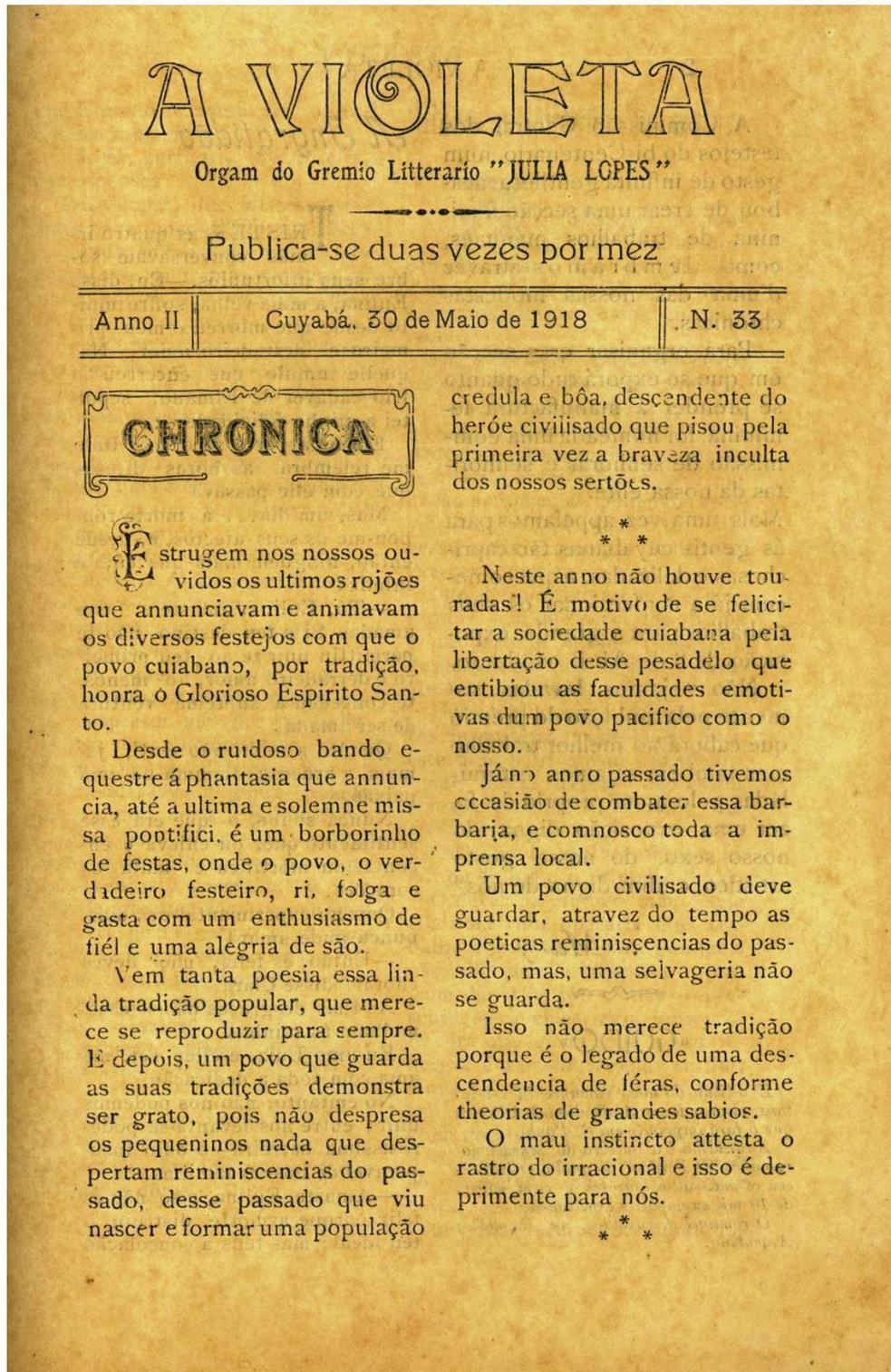
Lista nominal das socias do Gremio Julia Lopes.

(Continuação)

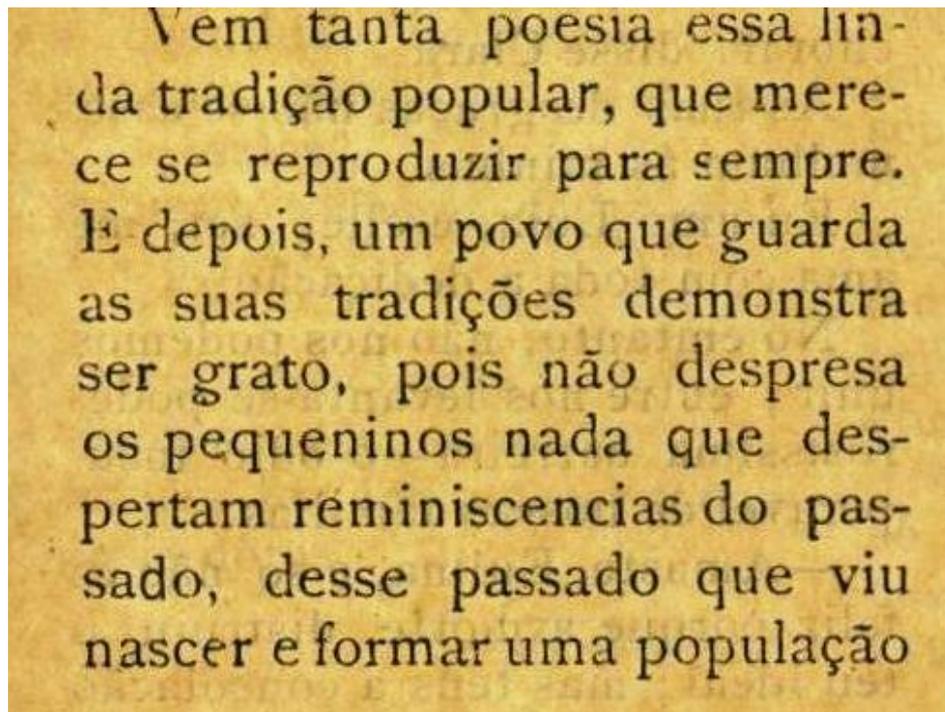
Srtas. Elvira Pacheco, Marianninha Moreira, Luiza Alves Corrêa, Nena de Figueiredo, Alzira Valladares, Vera Corrêa, Adelina de Luca, Alaide Cardozo, Alzita de Mattos, Maria Ignez de Figueiredo.

A seção *Noticiário* informa aniversários, o juramento à Bandeira, A Cruz (Liga Social Catholica Brasileira), relata o trabalho social desenvolvido, divulga o aniversário de Coronel Rondon e de diversas personalidades da sociedade.

EDIÇÃO 33 – 30 DE MAIO/1918

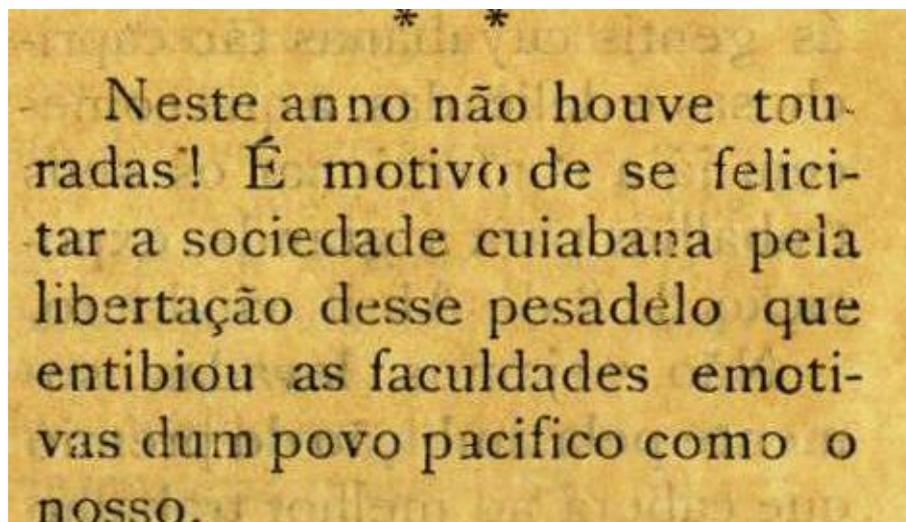


A edição de n.º 33, de 30 de maio de 1918, é marcada pela crônica assinada por Mary. Belo texto que faz da festa popular e religiosa seu motivo. Nela, a redatora faz da festa de santo, da festa popular, uma leitura e defesa da cultura popular com o passado:



Vem tanta poesia essa linda tradição popular, que merece se reproduzir para sempre. E depois, um povo que guarda as suas tradições demonstra ser grato, pois não despreza os pequeninos nada que despertam reminiscências do passado, desse passado que viu nascer e formar uma população

Reminiscência, tradição é o tom desta edição de *A Violeta* que defende, dentre outros pontos, o fim da “tourada”. Vejamos:



\* \*  
Neste anno não houve touradas! É motivo de se felicitar a sociedade cuiabana pela libertação desse pesadelo que entibiou as faculdades emotivas dum povo pacifico como o nosso.

Nas páginas 2 e 3, Clarice escreve sobre as desventuras do amor no texto intitulado *A Ingratidão*. E, com seu posicionamento contundente, Arinapi no artigo, *Ainda a Missão da Mulher*, na segunda coluna, discute qual o papel da mulher frente à sociedade mato-grossense, retomando, a discussão iniciada em outras edições, da defesa da mulher pelo direito ao voto.

## Ainda a missão da mulher

**A** MISSÃO da mulher é um assumpto tão vasto, tão complicado, que daria temas varios, si delle fossemos tratar como bem merece.

Em o numero passado desta revista, disse que, sem prejudicar a missão verdadeira para a qual a mulher foi creada, ella poderia exercer muitas profissões que até então não exerce em nosso meio social, podendo mesmo, uma vez que para isto estivesse sufficientemente educada, exercer o direito do voto.

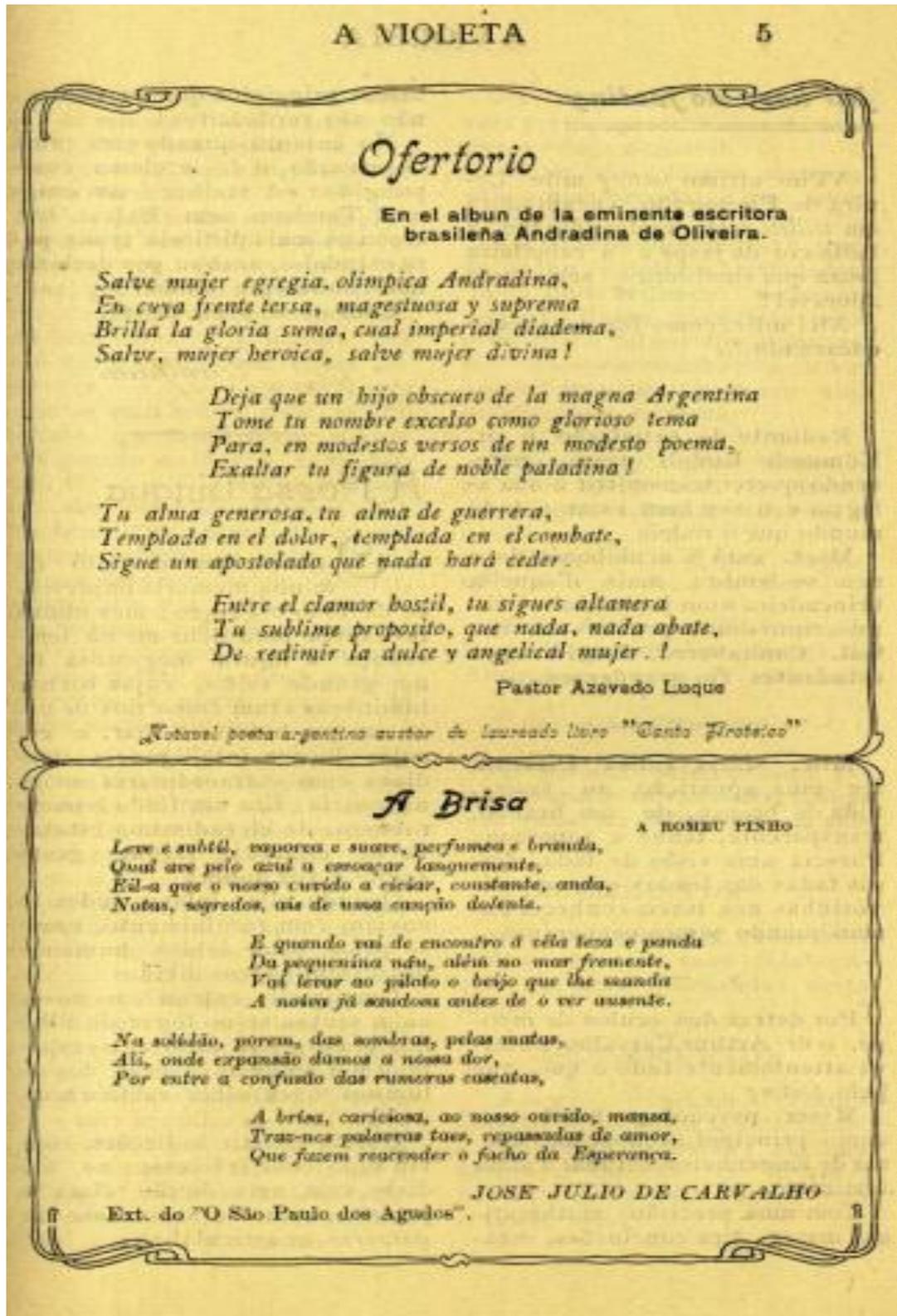
Isto deu motivo a que me perguntas, sem que seria dos filhos e que papel o marido passaria a desempenhar quando isto, casualmente, se desse.

Não duvido em encontrar erros nas minhas proposições, mas, este dois pontos vou esclarecer, e não podia deixar de assim proceder, si em o primeiro numero desta revista eu disse que a educação da mulher occupa na minha opinião, o primeiro lugar.

O dever da mulher mãe, seja ella uma rude operaria que trabalhe diariamente para ganhar o pão, seja uma aristocrata occupada dos adornos e das representações sociaes, seja uma professora que gasta toda a sua energia em ensinar, seja emfim, o que fôr, ella é a verdadeira mestra, a enfermeira do corpo e da alma de seus adorados filhinhos.

A mulher mãe deve ser não só o espelho onde seus filhos devem mirar-se, como deve estar apta para desempenhar qualquer

As poesias *Ofertório* do Pastor, Azevedo Luque, e *A Brisa*, José Julio de carvalho. Considerando a seleção de números abordados nesta pesquisa, esses dois poemas, são os primeiros textos em verso de autoria masculina, publicados em 1918 em *A Violeta*.



Após a seção *Na Hora do Footing*, que mantém a mesma característica informativa em todas as edições, Júlia Lopes escreve sobre *A Nossa Língua*, em texto extraído do livro *História de Nossa Terra*. Ao fazer a defesa da língua portuguesa, a autora afirma:

«Falar bem a lingua materna,  
 não é uma prenda, é um dever.  
 Cumpri-o»

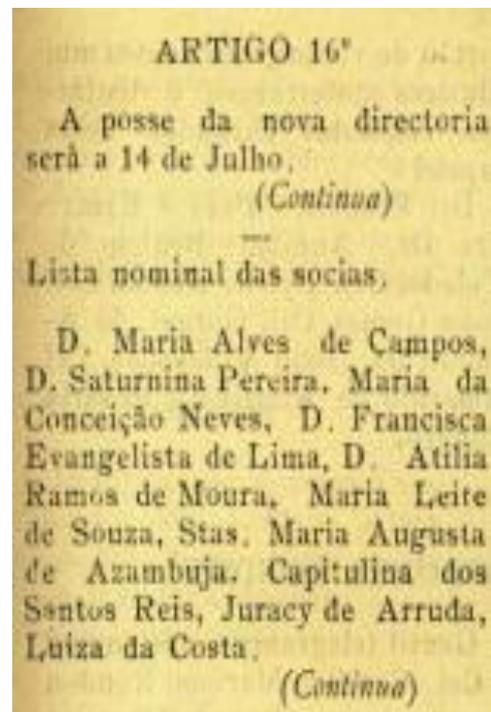
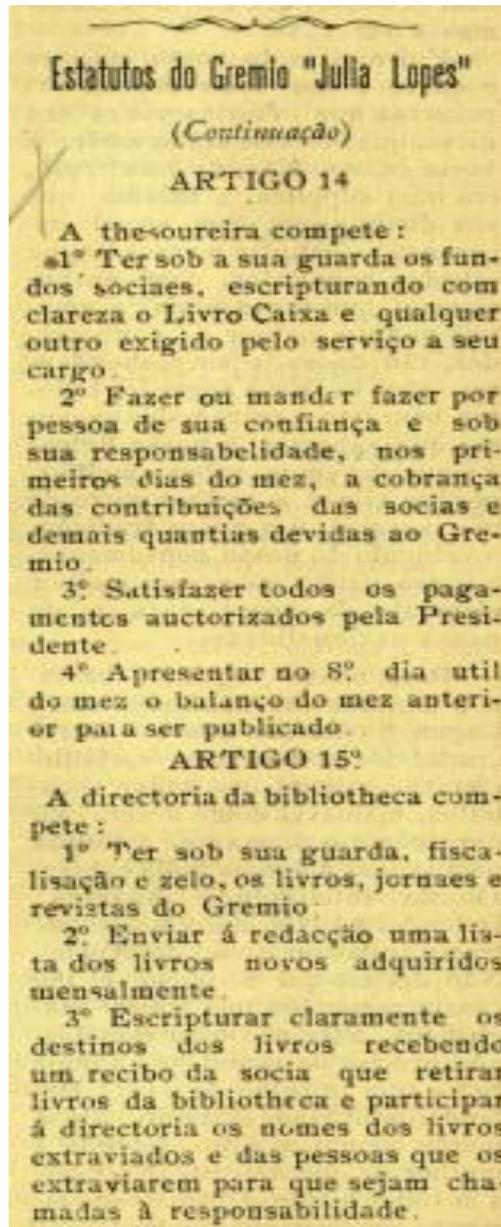
Uma nova seção, nesta edição, *Pensamentos*. Nela, *A Violeta* divulga espaço para qualquer redatora com desejo de contribuir com a revista.

"PENSAMENTOS"  
 A qualquer das redactoras  
 podem enviar as suas collabora-  
 ções que serão publicadas nesta  
 secção.

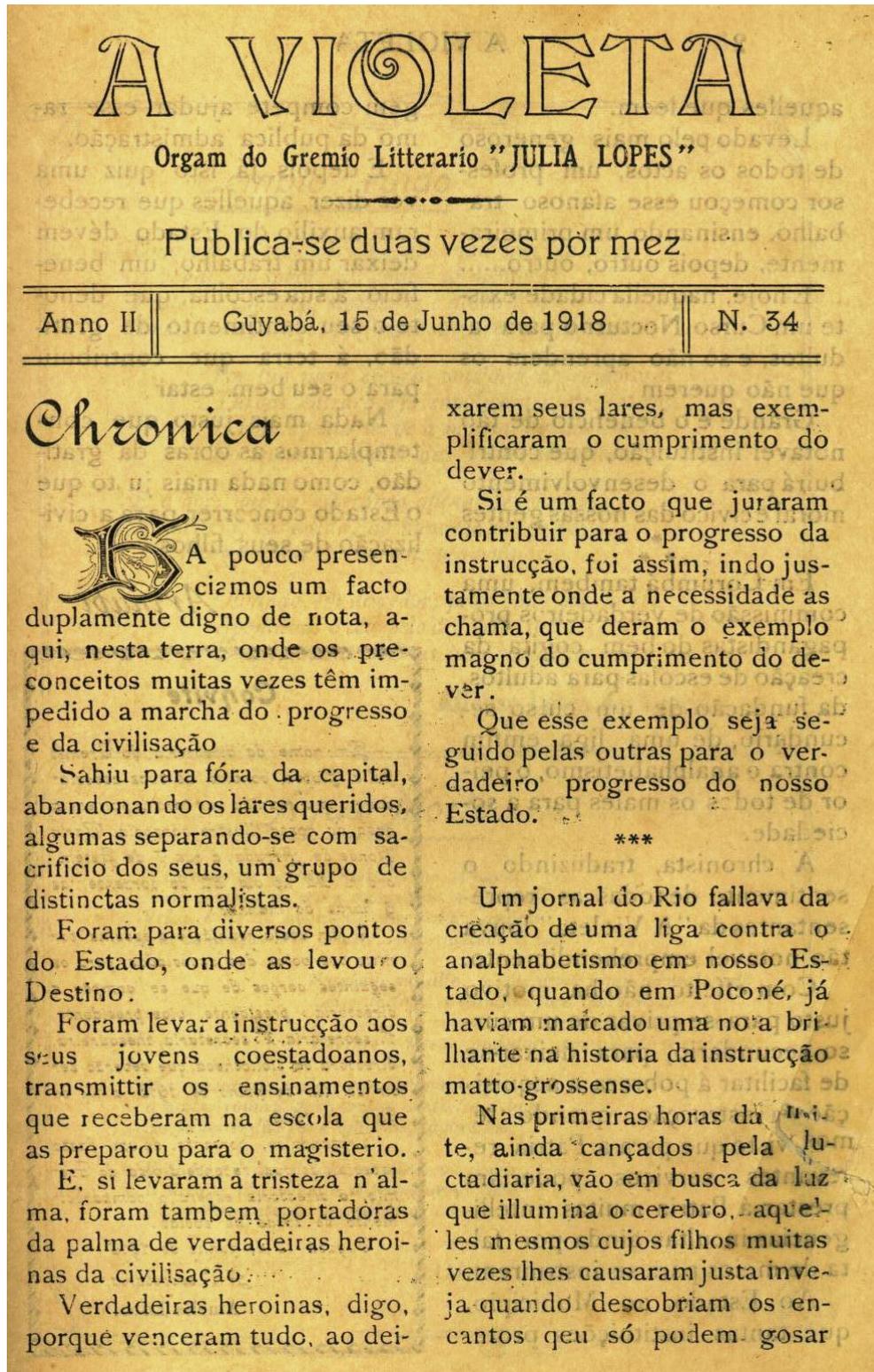
Na sequência, a seção, *Pensamento*, exhibe um texto sobre o amor, escrito por Rosa (sem sobrenome); e Aurora dedica os seus pensamentos a Mary. A seção é encerrada com *Pensamentos Alheios*. Nesta edição, apresenta-se também uma nova página, denominada de *Página Especial* em que as redatoras publicam uma pergunta das amigas da revista. Essa seção demonstra o empenho das redatoras pela interatividade com seus leitores.

Hoje a pergunta será dirigida  
 as Stas. Maria Ponce de Arruda  
 e Maria Brandão, ficando a  
 primeira encarregada de formu-  
 lar outra questão a duas outras  
 amiguinhas da 'A Violeta'  
 Eil-a  
 Mlle. gosta certamente de  
 diversões; é natural. Qual d'  
 ellas prefere?

Na sequência, as redatoras trazem o Estatuto do Grêmio “Julia Lopes”.



A coluna *Noticiário* abre com o convite para Conferência Literária com Mme Andradina no Cine Parisien com o Tema “A Mulher não é Inferior ao Homem”; e outros informes como Festa do Divino, Grêmio Apollo, Os que Chegam, Coronel Rondon, T.T.E CEL. Heliodoro de Miranda, 12 de junho, Aniversários.



Na publicação do n.º 34, de 15 de junho de 1918, a crônica de abertura, assinada por Arinapi, enfrenta o analfabetismo em Mato Grosso, destacando iniciativas de professores e

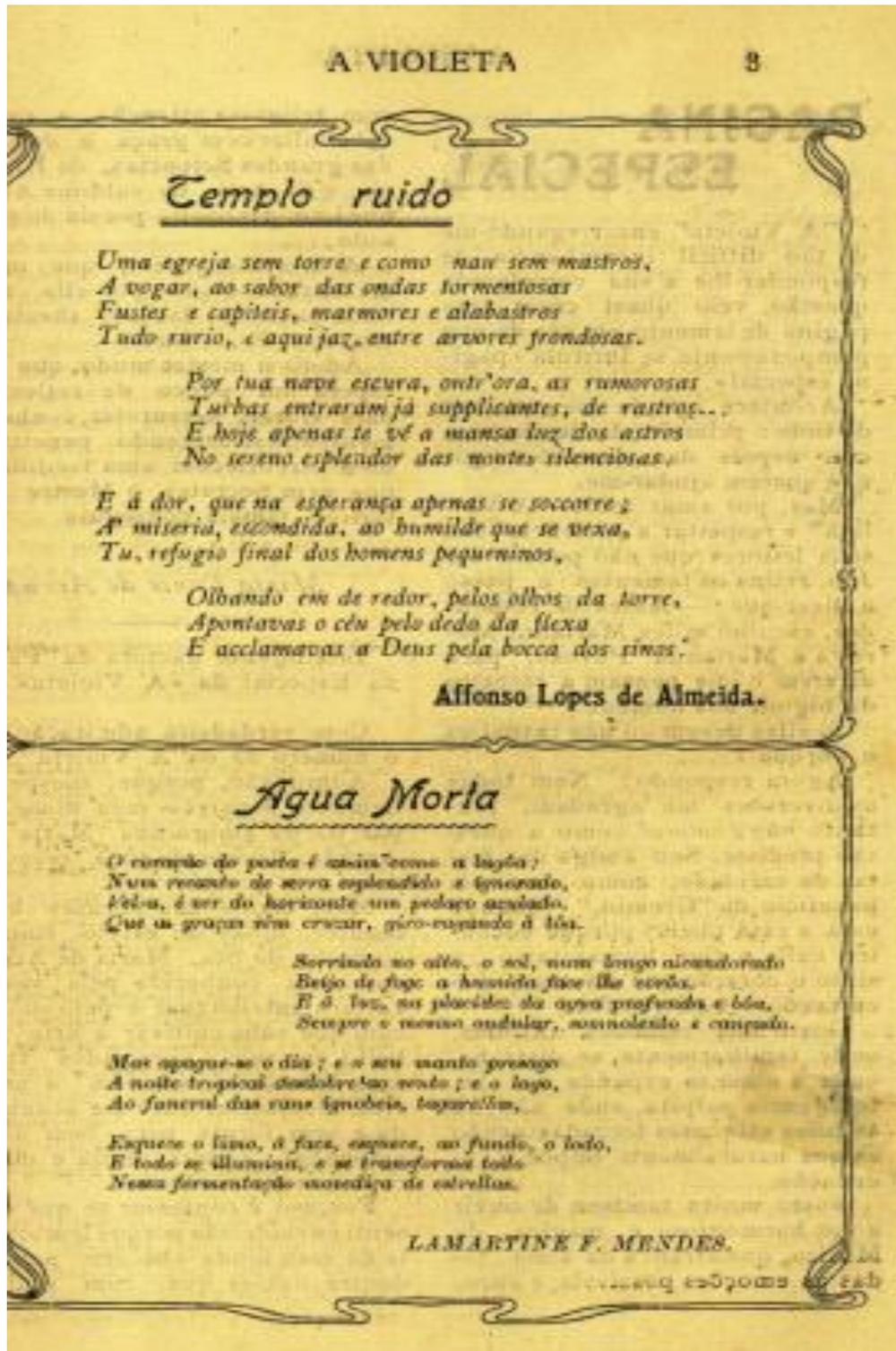
escolas que propõe a formação para adulto. Destacando o papel do estado, o cronista exalta e louva o empenho e a iniciativa de professoras pela educação de adulto.

A chronista, traduzindo o sentimento de todas as representantes da "A Violeta" louva tão notavel empreendimento.

Há uma preocupação pela melhora na qualidade da educação em Mato Grosso. E nela, o destaque para o início de uma formação para jovens adultos, no período noturno.

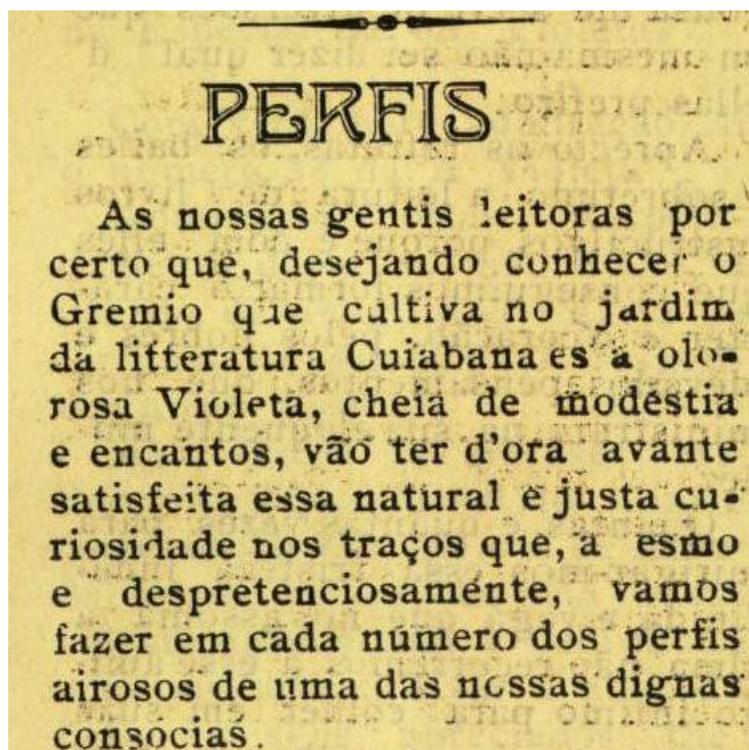
Levado pelo mais generoso de todos os actos, um professor começou esse afanoso trabalho, ensinando um primeiramente, depois outro, outro.....  
E hoje, naquella cidade existe um Curso Nocturno para adultos, e só não aprendem os que não querem

E, no ano de 1918, Corumbá é destaque por mostrar-se interessado em erradicar o analfabetismo da sociedade. Na próxima página, *A Violeta* exhibe os poemas de Affonso Lopes de Almeida *Templo Ruído* e *Água Morta*, de Lamartini F. Mendes.



Nesta seção *Página Especial* publica-se as respostas de Maria Ponce de Arruda e Marina sobre a pergunta da edição anterior (*Qual diversão gosta mais?*) Nas respostas publicadas, as autoras destacam os bailes, os compromissos em família e, sobretudo, a leitura de livros “instrutivos”. É interessante observar que tanto as redatoras quanto as colaboradoras expõem o hábito da leitura como um compromisso prazeroso e um dever. Nessa mesma

edição, Maria Ponce de Arruda lança a próxima pergunta (*O que acha do bigode dos homens?*) para Mariana Moreira e Mariana Póvoas. Nasce também a coluna *Perfis*, nesta edição de *A Violeta*, com o objetivo de fazer a apresentação breve de todas as sócias do Grêmio Literário Júlia Lopes. A coluna responde a seguinte pergunta: Quer conhecer *O grêmio literário*? Apresentamos nossas associadas. Sem dúvida uma eficiente propaganda da revista.



As seções *Pensamentos* e o *Noticiário* trazem assuntos como Conferência Literária, texto sobre 13 de Junho, a Retomada de Corumbá, Festa Literária Musical, casamento e aniversários.

**A VIOLETA**

Orgam do Gremio Litterario "JULIA LOPES"

Publica-se uma vez por mez

---

Anno III || Guyabá, 20 de Janeiro de 1919 || N. 44

---

**CHRONICA**

**FESTAS** e muitas festas!  
Natal! Anno Bom! Os Reis Magos!

E foram tres dias festivos, dias em que grande parte da população, deixando no esquecimento o motivo que a entristece actual-mente—a epidemia—sehia curiosa em visita aos presepes.

Acompanhando essa massa curiosa de gentes, disfarçando o telio de que se achava apoderada, em vista das quentes noites, isentas das costumadas chuvas morosas de outros annos, foi tambem a presente chronista.

Nada mudára!

Em quasi todos, o exemplo da habilidade artistica, em quasi todos traços bem visiveis de apurado gosto, mas só.

Uma cousa, porém, éra digna de nota: si a representação actual se prendesse exclusivamente a aquillo que a vinte seculos se passou em Betheleem então mais respeitaveis, mais tradieionaes e por isto mesmo mais bellos, seriam os presepes.

Volvi o meu pensamento ás noticias historicas, desses factos que, si se perderam na noite do passado, existe de facto conservado pela civilisação, e imaginei quantas licções sabias, quantos exemplos virtuosos, e mesmo quantas licções historicas, substituidas desvantajosamente!

A's socias do Gremio "Julia Lopes"      Aos bondosos assignantes

**"A VIOLETA"**

envia

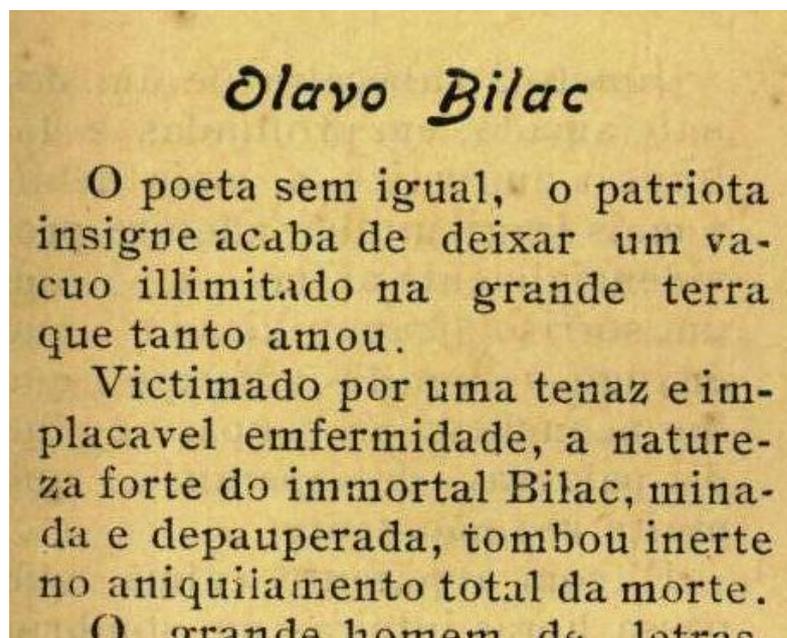
**BOAS FESTAS**

Aos collegas de imprensa      As gentis leitoras

Na edição n.º 44, de 20 de janeiro de 1919, a seção de abertura traz a crônica de Arinapi sobre a noite de natal, "Os Reis Magos!". A crônica inicia de maneira entusiástica a

edição de janeiro de 1919, falando da festa popular de final de ano, a festa de três reis, da alegria da população, que fez esquecer as noites quentes, sem a costumeira chuva de outros anos. Da alegria que foi o festejo para a crítica de que a representação da vida de Cristo deveria ser fiel ao que se passou em séculos anteriores. *Nada mudará*, anuncia a crônica que abre o ano de 1919. Observa-se, ainda, que nesta edição aparece, após a crônica, a propaganda (sem imagem) da livraria Globo.

Na página 03, é dedicado um espaço exclusivo a Olavo Bilac, divulgando seu falecimento e o poema “As árvores”.



Do livro *das Noivas*, de D. Julia Lopes de Almeida, é extraído *Os Doentes*, a escritora Julia Lopes inicia o texto destacando a bondade e o trabalho das irmãs de caridade que, no hospital, cuidam e tratam.

## Os doentes

**T**ENHO uma profunda e doce sympathia pelas irmãs de caridade dos hospitaes.

Tractar de um doente que amamos, não é dever—é paixão. O que eu admiro é a sublime paciencia, a enorme abnegação das religiosas, que passam a vida inteira ao lado de camas extranhas, vendo morrer gente desconhecida, salvando a custo pessoas que lhes voltarão as costas sem lhes atirarem um simples—obrigado!

Dizem que não ha quem sei

Com o agradecimento às irmãs, texto segue na direção de afirmação da profissão de enfermeira. Reconhecendo, nela, uma profissão para mulheres:

Dizem que não ha quem saiba ageitar tão bem os travesseiros a um doente como as mulheres, o que não admira, porque sendo muito mais carinhosas que os homens, são mais que elles promptas para o sacrificio.

Vejamos outro momento da crônica:

Ella, a enfermeira, não sente a perda das suas noites bem dormidas, senão quando vê o seu doente salvo; mede o espaço que vai do remédio ao alimento, emprega todos os meios para vencer a má vontade d'elle, tem imperio e é meiga, impõe e supplica-lhe, debruça-se sobre o seu leito, assidua, como tentando insuflar-lhe a sua própria vida, e observando todos os phenomenos da molestia para relatalos ao seu medico escrupulosamente.

Na crônica, *As duas saudades*, a redatora Arinapi faz uso da metáfora para narrar ao leitor sobre saudade, perda e morte. Logo em seguida, a seção *Letras, Artes e Religião*, o texto assinado por S.M., fala de cultura, idiomas, as artes.

*Chegaste tarde!*.... nesta seção é exibido o *Conto de Natal*, escrito por autora de Aquidauna, Carmem Lydiá, A coluna *Perfil*, assinado por Aurora, apresenta as sócias do grêmio Júlia Lopes. Na página 09, a revista divulga dois poemas de Gessnér Pompéu de Barros, "Olhos que falam".

Na seção *Noticiário* que encerra a revista *A Violeta*, a *felicitação* pelo início do novo ano, o destaque aos aniversariantes do mês; informe de falecimentos, campanhas; há um espaço dedicado, nesta seção, a *Quarta Exposição Nacional do Milho*, e ao Dr. Eurico Goes, poeta e literato, delegado do Instituto Histórico do Brasil em visita a cidade de Cuiabá. E, *A Violeta* informa que passa a ser edição mensal, por questões financeiras, portanto desde início de 1919.

"A VIOLETA" passará a ser publicada uma vez por mez, devido resolução da actual thesoureira do Gremio Julia Lopes, até que se equilibrem as finanças do mesmo Gremio.

Sendo assim a revista só sahirá a 20 de cada mez.

EDIÇÃO 48 – 02 DE MAIO /1919

**A VIOLETA**

Orgam do Gremio Litterario "JULIA LOPES"

Publica-se uma vez por mez

---

Anno III || Cuiabá, 2 de Maio de 1919 || N. 48

---

**CHRONICA**

**A**BRIL! Mez dos decantados luares e das poeticas manhãs, deixaste assignalado um marco bem digno de nota em Matto-Grosso.

Foi naquella manhã serena fresca e pura, do dia em que commemoramos o bi-centenario do Estado, que o povo, commungado pelos mesmos ideaes patrioticos, assistiu os testejos publicos que deixaram transparecer esta grande verdade—si Cuiabá ainda muito deixa a desejar quanto a formação e ornamentos materiaes de suas ruas, não se pode dizer o mesmo do progresso intellectual do seu povo.

Era a voz fluyente de notavel orador, eram as vózes combinadas, em doce harmonia, das senhoritas da escola Sta Cecilia, eram as creanças das escolas a entoar hymnos melodiosos; era a garrida força militar, os alumnos das escolas secundarias, mostrando a disciplina, era tudo, concorrendo para provar que a instrucção do nosso povo não está descurada, e que, bem pelo contrario, ella marcha a grandes passos no caminho da gloria.

Outro facto, que por ser grandioso a chronista não pôde deixar passar sem grandes encomios é a inauguração do Instituto Historico, porque este facto trará o grande e elevado fim de conhecermos o nosso Paiz e sobretudo o nosso Estado.

Brazileiros, matto-grossenses, não é bem verdade que Abril é o mez que devia e deve ser consagrado ao nosso culto, á nossa adoração?

A descoberta do monte Paschoal, a fundação de Matto-Grosso, a morte de Tiradentes, não devem ser factos de triplíce gloria, assignalados para nós, filhos da rica terra

Na edição 48, de 02 de maio de 1919, *A Violeta* traz a crônica assinada por Arinapi. Ao falar do mês de abril, "Mês dos decantados luares e poéticas manhãs", a cronista volta-se ao dado histórico, bi-centenário do Estado, a comemoração, as apresentações. Outro fato de

que a crônica nos faz conhecer é a inauguração do Instituto Histórico de Mato Grosso. Assim afirma a cronista:

Outro facto, que por ser grandioso a chronista não pôde deixar passar sem grandes encomios é a inauguração do Instituto Historico, porque este facto trará o grande e elevado fim de conhecermos o nosso Paiz e sobretudo o nosso Estado.

Aurora escreve, na seção *Os Destinos*, um artigo como o tema “A Ti Dolores em Agradecimento”. Na sequência, o texto “Cuiabá”, anônimo.

OLETA

**Cuiabá,**

Lançando uma vista ó'olhos em ti, cara cidade, uma boa dose de esperanças me anima o ser. E' ali, á tua entrada, d'onde outr'ora ouvia-se uma lenda que naturalmente causa muito mal

A expansão da cidade.

A nossa rua Nova, a bella rua Couto Magalhães, esperamos permanecer-se-ha desta feita concertada e nella, sendo assim podem ser construidos muitos predios novos.

A crítica é leve e esperançosa, acordando uma reflexão otimista sobre o futuro do Estado. Desse texto, visualizamos novas ruas para uma Cuiabá retratada ainda sem asfalto, sem luz elétrica.

Uma cousa porém bem triste há na cidade, outra bem incommodativa.

Triste, o mattagal que cresce em muitos pontos e que os moradores deviam ser obrigados a

Incommodativa é a gente caminhar, caminhar com sòl quente, ou depois de um trabalho, a pé, do primeiro ao segundo districto.

Logo na sequência, o texto *Correspondência de Martha* apresenta o argumento contrapondo ao texto anterior, na defesa da cidade de Cuiabá. A imagem da cidade é revista, considerando como aspectos positivos, as escolas, a biblioteca pública e o bom cemitério, etc.

De Cuiabá mesmo, desta legendaria cidade, quantos bens não tem sahido em beneficio da grande Patria Brazileira?

Foi daqui, foi desta modesta capital, que sahiram intelligencias gloriosas, como a de Murinho, a notabilidade medica, o afamado financeiro e tantos moços que deixando as nossas escolas, vão ás academias superiores, em busca do aperfeiçoamento e lá têm muitos delles sabido elevar o nome matto-grossense.

E' bem verdade cumpre se dizer que muito nos falta para a belleza material da cidade capital, mas não nos falta tudo.

Não temos já, um Cemiterio modesto, mas decente, attestando o respeito que devemos aos nossos mortos?

Não tem já a digna Municipalidade contractado um importante serviço funerario, cujos beneficios não podemos deixar de louvar?

Não temos um jardim caprichosamente feito, outro mais modesto, mas nem por isto menos bello, e outro em começo?

Não temos augmentado dia a dia os numeros das nossas escolas, com interesse dos poderes federal, estadual e municipal?

Não augmenta o numero de casas que vão sendo construidas em estylo moderno já?

E a par de tudo isto, levantam se, attestando que muito cuidamos dos nossos dotes intellectuaes, espirituaes, tres impor-

Na seção *Álbum da Violeta*, Lygia faz um jogo de perguntas com Amelinha Lobo e Wanderlina Botelho, são publicadas doze perguntas, com publicação da resposta para próxima edição. Na sequência, as poesias de Jonathas Serrano "Ainda uma vez" e "Amor perfeito". A seção *Noticiário*, o enlace de Arruda-Muller, a visita do Senador Pedro Celestino, o falecimento de D. Galdina, os aniversariantes do mês, os festejos de 08 de abril.

EDIÇÃO 49 – 20 DE MAIO/1919

# A VIOLETA

Orgam do Gremio Litterario "JULIA LOPES"

Publica-se uma vez por mez

Anno III

Guyabá, 20 de Maio de 1919

N. 49

## CHRONICA

**B**emdicto seja o povo que busca instrucção e trabalho!

Para nós, matto-grossenses, o facto principal, a causa que melhor e com mais alegria applaudimos é esta que a cada passo vamos sentindo despertar em toda a classe social—a procura das luzes da instrucção.

Esta, que antes era privilegio dos abastados está hoje ao alcance de todas as classes sociais; ella, que antes era ministrada ás creanças, agora estende se, intensifica se a dos adultos que com vantagem buscam a instrucção em aulas que lhes são proprias.

Tive occasião de fallar de diversos cursos nocturnos para adultos e de um destes faço hoje o assumpto da minha modesta chronica

No Atheneu Matto-Grossense, de cuja fundação demos

noticia em o nosso numero passado ha um bem frequentado curso de adultos, que vão ali ás primeiras horas da noite, assistir ao mais agradavel e mais util dos passatempos, esse que traz a vantagem da instrucção.

Empregados de commercio, militares, operarios, todos com o mesmo nobre intento, ali vão uns para descobrir os mysterios que lhes foram occultos ha tanto tempo, mysterios encerrados nessa sabia combinação das vinte e cinco letras do alphabeto, outros para aperfeiçoarem-se ainda mais na acquisição de outros sabios conhecimentos.

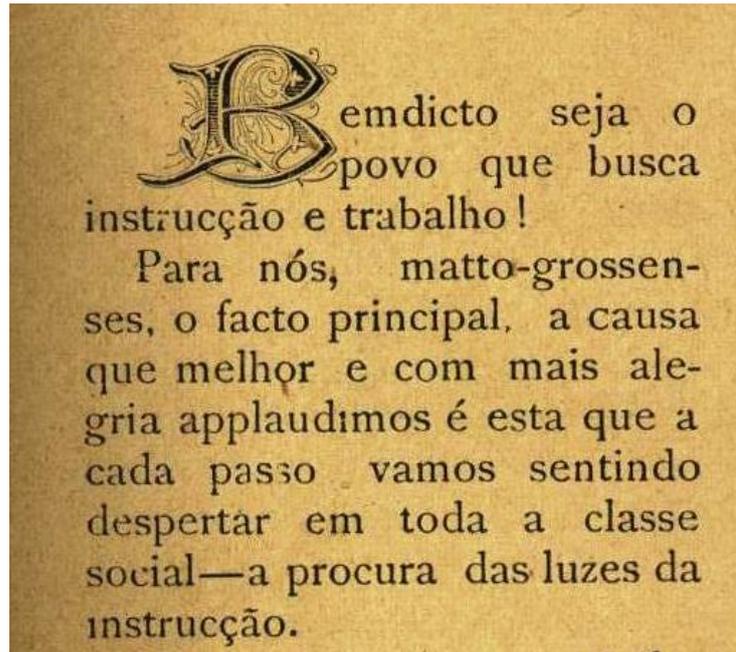
E quem poderá duvidar que dentre esses que hoje buscam aprender, quasi sempre com sacrificio, não sahirão homens notaveis ao nosso Paiz?

Lincoln, que foi presidente dos Estados Unidos, foi lenhador, carpinteiro agente de correios, mestre escola, advogado.

E era a instrucção quem

A *Violeta*, n.º 49, de 20 de maio de 1919, abre com a crônica sobre a educação em Mato Grosso. A educação como melhor meio ao progresso, considerando a importância da

formação do trabalhador, ou, nas palavras da autora “instrução do povo”. Na sequência do argumento, a cronista apresenta dois grandes exemplos da História para quem a formação foi um meio de ascensão social: Abraham Lincoln (presidente dos Estados Unidos da América) e José Stephenson (inventor da locomotiva) São, pois, dois os temas centrais escolhidos, que funcionam como diretrizes que norteiam toda seleção de textos: educação e a condição da mulher na sociedade.



A Educação e a profissionalização aparecem na *A Violeta*, nos textos ficcionais e jornalísticos, revelando uma inquietação por parte de Arinapi. É firme o posicionamento em defesa de uma educação para todas as classes sociais; e, com ela, a formação da mulher. A educação de jovens e adultos já havia sido abordada na edição 34 (de 1918) como curso noturno. E nesta edição, o retorno ao tema educação aparece filiado ao progresso.

A cronista expõe a educação como emancipatória, como direito de todos. Defende que somente por meio da educação a sociedade mato-grossense será capaz de instruir seus filhos para criar uma terra próspera, bela e rica. A consciência da educação como libertadora e imprescindível na construção de uma alteridade e autonomia.

E' só instruindo-vos que vossos filhos poderão adiantar-se; que nossa terra será prospera, rica e bella, e ainda mais, que todos nós poderemos ficar livres desses males que por vezes nos obrigam a buscar no serviço intelligente de outros povos o remedio para as nossas necessidades.

Arinapi

A crítica é audaz, refinada pela clareza e percepção sobre a sociedade mato-grossense e o Brasil; nela respira, claramente, a consciência da predominância do analfabetismo, da formação precária. Enquanto a frente que sustenta a crítica no texto sobre Cuiabá, (edição, 48, 1919) é a falta do asfalto, o mato, a poeira; Arinapi, reiteradamente, traz a pauta da educação, para todos, como direito e dever.

Na página 02, o conto *O Paraizo Terrestre*, assinado por Aurora, narra a história de amor, amizade e ciúmes entre um mancebo e uma jovem de vinte anos. Na sequência, o conto *Fatalidade*, de Dolores, narrativa breve, que trata do amor, do casamento, da impossibilidade da mulher escolher seu marido. O amor juvenil, o sonho, e a derradeira consciência expressa, no conto, de que a mulher não faz escolhas, a ela não há escolha.

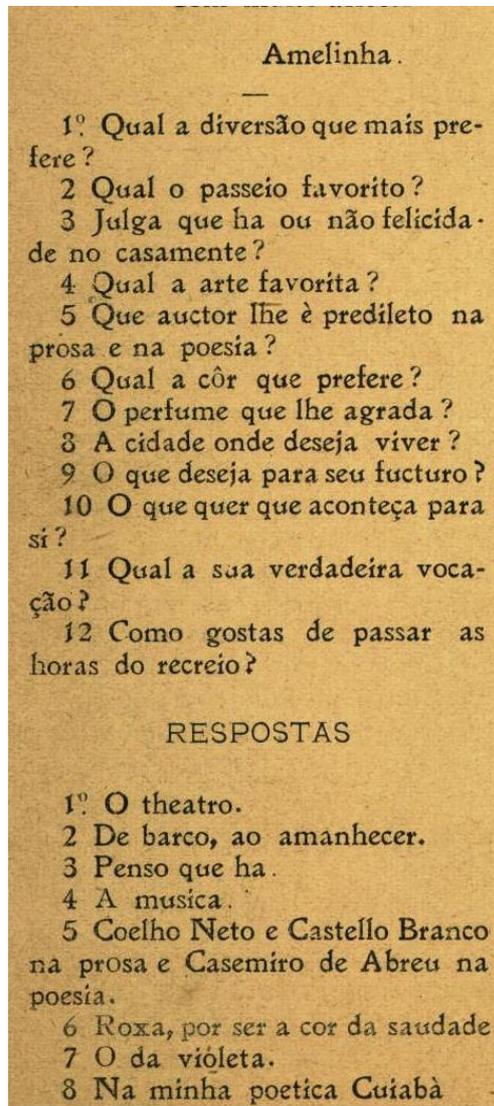
Na página 6, o conto *Psalmo de Amor*, de Coelho Neto (1864-1934), professor, escritor, político e membro fundador da Academia Brasileira de Letra, ocupando a cadeira de n.º 2. A seção intitulada *Álbum de A Violeta*, assinada por Gentil Lygia, faz-se presente, nesta edição, e aparece como uma forma dinâmica, como um jogo entre redatora e as leitoras.

ALBUM DA A VIOLETA

Gentil Lygia

Deveras surpreendida fiquei, ao deparar o meu nome no ultimo numero da nossa Revista, naquelle secção que com arte soubeste preparar.

No *Álbum de A Violeta*, depois de escolhida a consorcista que responderá as questões e aceito o convite; com as respostas publicadas, define-se também quem responderá as questões seguintes, a próxima que participará da brincadeira, do *álbum da Violeta*.



A poesia de Lamartine Mendes passa a transitar nas páginas da revista *A Violeta* com mais frequência e, na edição de n.49, fica registrado a poesia *Flor assassina* e *Noute*, de Franklin Cassiano. *Ao corre da Penna*, escrito por Lygia, pequena narrativa que aborda questões do cotidiano como amor, confiança, sofrimento. A seção *Bilhetes Postões*, presente já em edições anteriores, apresenta assuntos ligados à vida, felicidade, amor, poesia.

A seção *Torneio Charadístico* surge nesta edição fazendo com que as leitoras decifrem as charadas. O *Noticiário*, seção fixa desde a criação, com diversas informações diferentes, das quais podemos citar, felicitações de aniversários das redatoras, reuniões para discutir diversos assuntos ligados à educação, religião, criação de biblioteca com boas obras de artes,

reuniões musicais, teatro e obras de piedade e beneficência, D. Julia Lopes, A “revista feminina, Cel. Pedro Celestino, os aniversariantes do mês, Coelho Neto, Pedido que nos Honra, A Cruz, Enlace Figueiredo – Martins.

EDIÇÃO 63 – 15 de janeiro de 1920.

# A VIOLETA

Orgam do Gremio Litterario "Julia Lopes"

Publica-se duas vezes por mez

Anno IV

Guyabá, 15 de Janeiro de 1920

N. 63

## Chronica

**Q**UEIA noite de 31 de Dezembro... e findou o anno.

A essa hora parece que o acostumado cantar dos gallos não annuncia que *um dia mais cahiu no nada*, mas, que outro anno vem...

E' costume saudar sempre o Anno Bom, o anno que se inicia e que todos esperam seja portador das mais risonhas esperanças.

E o outro? E o velho?

Esse, coitado, quasi sempre cahe no olvido,

Não o esquece o casal feliz, que, em um de seus dias, viu, abençoada, a sua feliz união; de'le se lembra a mãe carinhosa, que, pela primeira vez, viu á luz do dia o seu tenro filhinho; e só este ou outro facto saliente da vida humana traz recordação do anno que se finda,

Não se lembra dos pormenores da vida nelle acontecidos.

E uns dizendo —fui muito feliz; outros amaldiçoando-o, dos saúdam o Anno Novo.

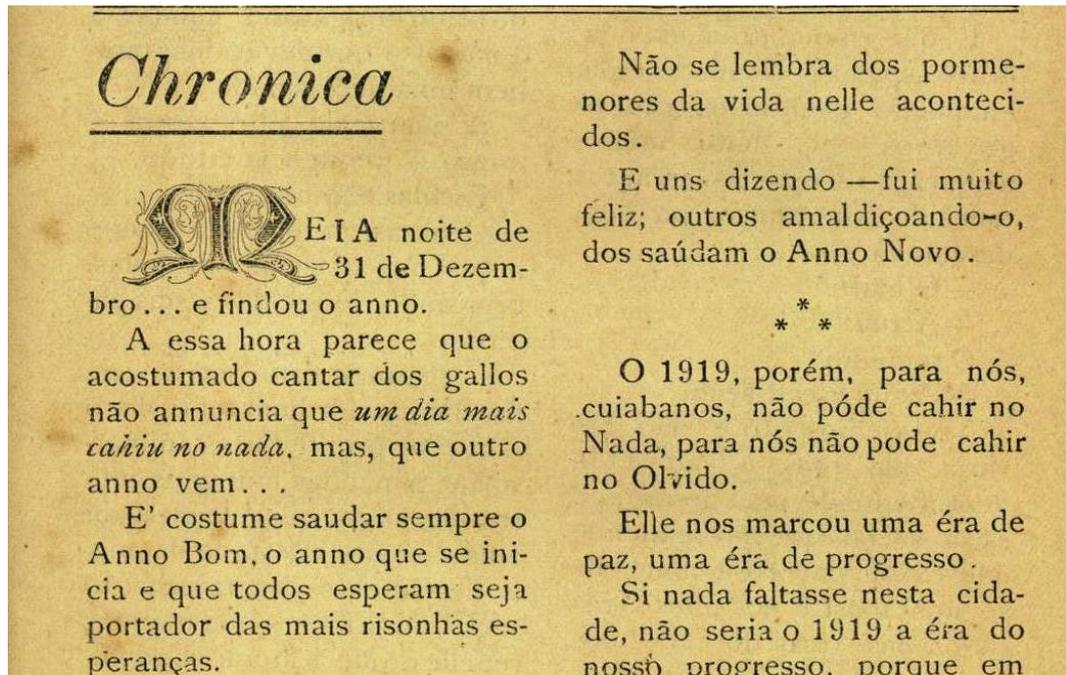
\* \* \*

O 1919, porém, para nós, cuiabanos, não póde cair no Nada, para nós não pode cair no Olvido.

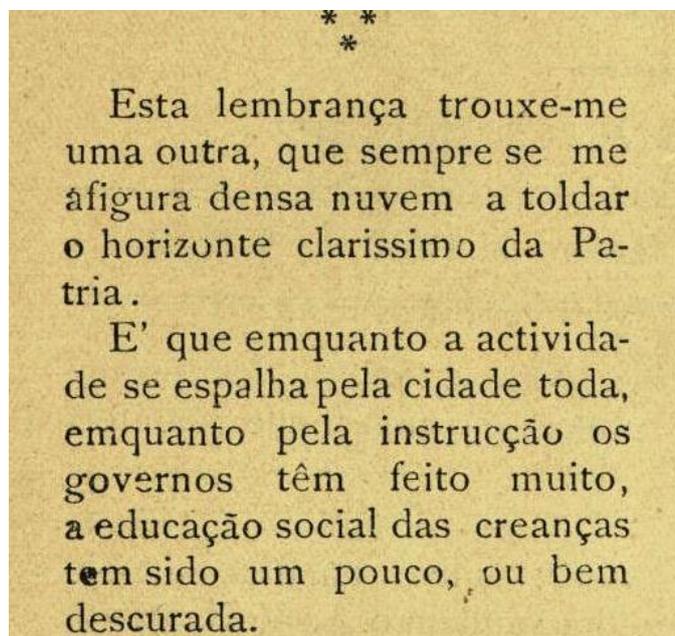
Elle nos marcou uma éra de paz, uma éra de progresso.

Si nada faltasse nesta cidade, não seria o 1919 a éra do nossò progresso, porque em um anno se consegue muito, mas não se consegue tudo... O que me encanta e me alegra, é ver a actividade em toda parte, actividade que bemdigo e espero continue cada vez mais energica, cada vez mais vital nestes annos que se seguem, até que possamos dizer aos nossos visitantes—è esta a Capital digna do uberrimo Estado de Matto-Grosso, é esta a ci-

A Violeta, n.º63, publicada em 15 de janeiro de 1920 traz a crônica assinada por Arinapi. A temática gira no em torno do ano novo, o ano de 1919. Como registro esperançoso no progresso de Cuiabá, a cronista faz da crônica uma saudação ao ano que começa.



Todavia, a crítica aparece sempre na narrativa, entremeando o tom elogioso. Sem perder a oportunidade de defesa da educação, a cronista destaca “o pouco da educação social das crianças”.



O tema da educação volta como uma questão preocupante, reiteradamente, ocupando as páginas de *A Violeta*. Arinapi observa a obrigatoriedade do ensino público. Mais que um dever, é uma necessidade.

Essa idéa tive-a eu. porque o  
 anno começa e daqui ha pouco  
 as escolas reabrir-se-ão.

Temos uma sabia lei sobre  
 o ensino obrigatorio, cumpril-a  
 a não é só um dever, mas tam-  
 bem uma neçessidade.

A matricula obrigatoria é  
 muito, a frequencia é tudo.

Há uma construção discursiva, um projeto de leitura, que carrega uma força de significação, que não se quer panfletária simplesmente. Também, esse projeto de leitura carrega a clareza dos seus horizontes e limites, como forma de intervenção não agressiva, sem o embate direto. Por isso, os textos começam sempre com “uma noite”, “numa festa”, em um “novo ano”, “ano bom”, e em tom nostálgico ou esperançoso, a natureza, a chuva, as flores, são “candidamente” substituídas por uma consciência história e social expressa pela crônica.

*Amor pátrio e amor materno*, assinado por A. F, narra a história de uma mãe que enfrenta soldados paraguaios para defender a vida de seu filho. A crônica *25 de Dezembro* é assinada por Irma Plavatsky, de Corumbá, e trata da véspera de natal. Logo mais, vem uma nota em caixa alta, entre aspas, da revista *O Jasmin* o primeiro órgão da imprensa feminina de Cuiabá, que surgiu em 1897. Depois uma seção de poesias como poema de Affonso Celso intitulada “Jesus sobre as ondas”.

Fechando a revista *A Violeta*, a seção *noticiário* dedica-se a divulgar, registrar, informar, os aniversariantes do mês, promoções, Mato Grosso em foco, os carros fúnebres, a Invasão Paraguaya, Dr. Alberto Novis, D. Maria de A. Muller, *Os que Partem*, Desembargador Ferreira Mendes, Francisco F. Mendes, Cuiabá Revista.

### A presença da literatura em A Violeta

Algumas considerações fazem-se necessárias, sobremaneira, a constatação do predomínio da prosa, da narrativa curta sobre a poesia; da mesma maneira que se faz necessário destacar que do conjunto dessa produção, há a predominância de autoria das redatoras e diretoras da revista. Uma revista literária ao ser criada, pelo Grêmio “Júlia Lopes”, alicerça as bases de produção para o surgimento, no início século XX, da autoria da mulher em Mato Grosso. É esse o caráter predominante da revista. Nesse sentido, a *Violeta* funciona como suporte, o meio e o fim, para que a literatura, de autoria feminina, possa circular e ser lida. *A Violeta*, portanto, se transforma em meio e instrumento, de acesso e popularização da escrita feminina.

A crônica foi, por excelência, o gênero escolhido para abrir cada número e, de modo geral, abordando assuntos como a educação, o ciclo da natureza, a vida social, a prática cívica; considerados sempre a partir de uma base histórica com rigorosa pesquisa. Em menor quantidade transitaram, em suas páginas, outros gêneros como a carta, a poesia, o conto.

As principais cronistas d’ *A Violeta* foram Arinapi e Mary, que exploraram a principal característica da crônica ao registrar o *circunstancial*, de acordo com Jorge de Sá (2006). A projeção dos acontecimentos inserida sempre numa rotina do cotidiano, das “cousas miúdas”, infere sobre o desejo de representação, da inscrição (no sentido postulado por Chartier, em *Inscrever e Apagar* (2007); de uma dada realidade circundante e histórica. Assim, com essa prerrogativa formal e de expressão, a crônica espreita o mundo, fragmenta-o, constitui-se numa fração rápida (muitas vezes eufórica) do cotidiano.

Do conjunto de crônicas selecionadas para esta pesquisa, Maria Dimpina Lobo Duarte (pseudônimo “Arinapi”, “Marta” ou M.D) é a cronista que mais publicou em *A Violeta*, observando as primeiras décadas do século XX. Além da crônica (nas edições de número 28, 32, 33, 34, 48, 49, 63), a referida cronista escreve “Correspondência de D. Marta”.

Já com uma produção menor de crônicas, Maria Ponce Arruda (vários pseudônimos como Mary, Vampira, Consuelo, Sara, Lucrécia, Ofélia e Vespertina, apresenta um estilo mais curto, reflexivo, ancorado nas imagens da natureza. O tempo, cíclico e religioso, é marcado a partir da conta do rosário. “Assim é que ao desfilhar das contas, no espaço entre 3 e 3, a Natureza inclina-se ajoelha-se e cerrando as pálpebras em grave meditação, assim penetra no misterioso sonho das estações”. (*A Violeta*, 1917, nº13, p.01). Tempo e natureza convergem na crônica como apreensão do mistério. O tempo não é apresentado, conforme

observa Benedito Nunes (2002, 24) senão através dos acontecimentos e suas relações salvos quando ocorrem assinalando momentos ou fases de expressões ou fases e expressões temporais. “O tempo é o fio condutor da narrativa que transporta para o passado, presente e futuro nos quais se localizam as personagens da obra”. E a crônica, como indica a *etimologia*, deriva de *Khonikós*, de *khronos*, tempo; pelo latim *Chronica*, “livros de cronologia” (MOISÉS, 1969, p. 238). Para esta narrativa que está voltada ao dia-a-dia, ao cotidiano da experiência como uma certa cena de rua, de praia, ou mesmo o local de trabalho, ou ainda, as festividades, etc; tudo isso ou só isso torna-se suficiente para deflagrar a imaginação do cronista, para fixar a brevidade do acontecimento que lhe chama a atenção. E, nesse sentido, há, inadvertidamente, uma certa forma “de ver o mundo”, aprisioná-lo como consciência crítica do “eu”.

Já na primeira crônica, deste repertório, o sentido religioso que assume a natureza, na metamorfose das estações do ano, Mary caminha de um tom reflexivo, a um esforço literário.

*E é por isso que Julho em pleno accordo com Agosto entra, para logo sacudir com força as frondes floridas, tapisando o solo de petalas esparsas que ahi se vão estio-lar; essas mesmas petalas que em corollas se abriram para saudar Maio quando chegou... Inclemente, mau, dizemos nós!*

Desse tom reflexivo sobre a natureza para uma rápida inserção na História. E como o mês é julho, o acontecimento surge alinhavando o presente pelo passado.

\* \*  
*A insurreição do heroico povo francez logrando no dia 14 de Julho de 1789 pôr termo com a "Queda da Bastilha" ao jugo a que os nobres, desde Aubriot, o sujeitavam durante 4 seculos, é um facto que o mundo respeita e admira sendo o "14 de Julho" uma data universal.*

Todavia, sempre acomodando uma percepção sobre o Brasil, sobre Cuiabá ou Mato Grosso. O caráter informativo, consistentemente aliado à História, não suplanta o reflexivo.

*uma data universal.*  
 O Brazil novo e forte aprovou com entusiasmo esse gesto de revolta, e a prova foi a que deu a 7 de Setembro de 1822.

Em outra crônica, o fato social, a apresentação cultural.

\* \*  
 O facto sensacional da ultima semana, foi o concerto musical realizado pelo cego Domingos.  
 Domingos, o menino cego

O fato social ascende como representação de superação.

Já é este o segundo exemplo de cuiabano, que sahe em busca da unica felicidade que lhe resta depois de haver perdido a vista, educando-se e conseguindo alcançar os louros da victoria.

Da superação ao exemplo, a sequência da crônica de Arinapi, configura uma imagem do cego em defesa do esforço e da superação como caminho único e íntegro; e, por extensão, como caminho para sociedade. A defesa da educação aparece como defesa de uma sociedade melhor para todos.

*Quantos menos infelizes que Domingos, physicamente fallando, são creaturas inúteis, perdidas, vivendo descançadamente do que ganham, ás vezes com sacrificio da dignidade.*

*Estes, moralmente, são mais infelizes; porque não sentindo vibrar em suas almas o amor ao trabalho, entregam-se ao vicio e a corrupção, diminuindo de dia a dia a força e o character até que, as mais das vezes, venham a ter uma infeliz morte, qual as suas miseraveis vidas.*

Na edição 31, de 1919, a crônica informativa de Mary traz o tema do aniversário de Cuiabá, em tom eufórico e eloquente.

Oh! Matto-Grosso! como o teu orgulho deve ser extraordinario! ...

Cuyabá, será a séde dos festejos, que constarão de multiplos e variados actos, os quaes pelo programma se deprehende, serão magnificos.

A realisação desse ideal alimentado desde alguns annos por um grupo de abnegados

Do registro das festividades pelo aniversário de Cuiabá à projeção do futuro, do caráter do povo mato-grossense como expressão mais alta do valor e do civismo.

Mas não! o povo que hoje vibra n'uma emoção verdadeira não é volúvel nem fatuo, e o futuro, de agora em diante mostrará o valor, o civismo e o altruismo matto-grossense.

De agora sim, que um motor poderoso soube accionar num só impulso tudo quanto é vitalidade, tudo quanto é emoção e sentimento dos filhos desta terra.

A cronista Mary impulsiona o sentido matto-grossense e cuiabano; impulsiona entusiasticamente, uma consciência de povo, como filhos desta terra (Cuiabá/Mato Grosso). Há uma imperiosa construção afirmativa da identidade coletiva, do matto-grossense, sem que isso seja em oposição a nada, ou ao outro; apenas matto-grossense. A crônica de Arinapi é diferente, não é apenas circunstancial e informativa. Nesta edição 32, de 1918, novamente a cronista inicia compondo uma natureza, partindo dela (natureza),

A CHUVA tende a extinguir-se. A nevoa e o orvalho começam a apparecer.  
Nos jardins, as violetas desabrocham, perfumosas.

para, gradativamente, entrar naquilo que consideramos ser o ponto essencial de suas crônicas: a rotina alicerçada como dado histórico. Da natureza para o mês de maio, mês de Maria, das mães.

Mez bemdicto! Que de encantos, que de recordações nos trazes!

És o mez de Maria, és o mez das flôres, és o mez do Brazil, és o mez em que uma raça oprimida conseguiu a sua liberdade.

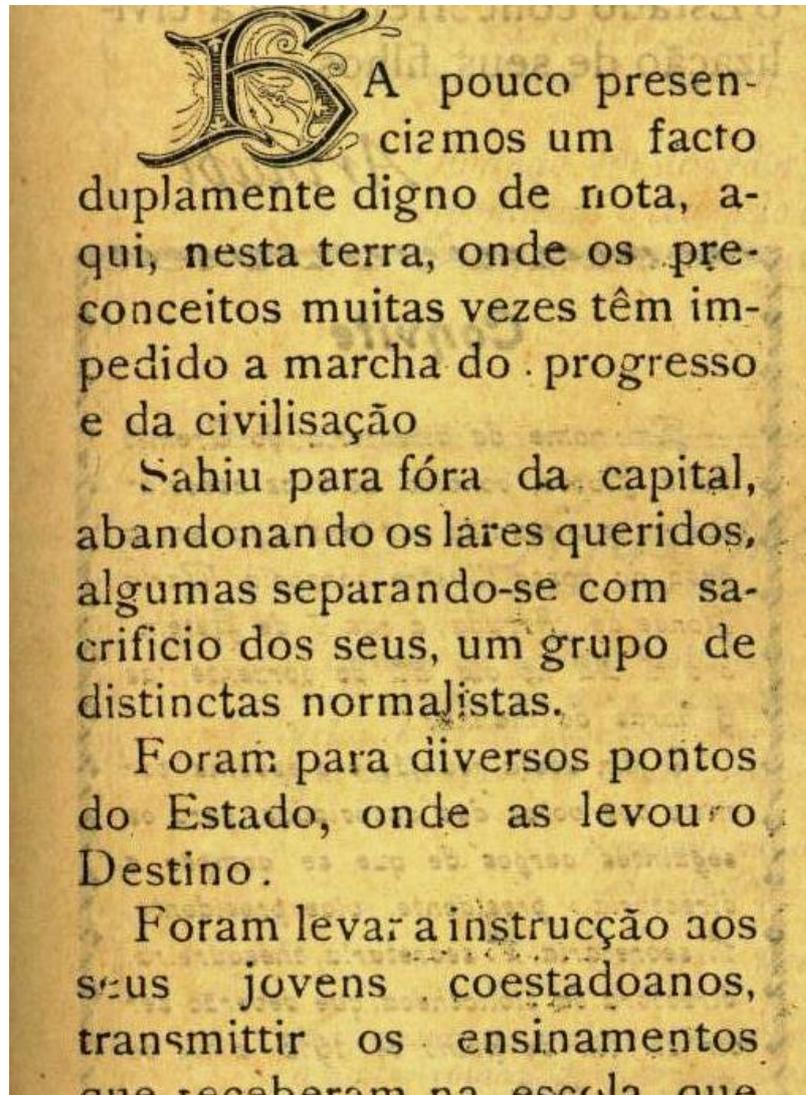
E maio, sobretudo, como o mês do fim da escravidão no Brasil. Essa perspectiva história encerra o sentido primeiro da crônica, conduzindo à reflexão.

Treze de Maio! Foi, para a Patria Brasileira o dia em que uma lei traçada pela augusta mão duma imperatriz, libertou uma raça que soffria do despotismo daquelles que lhe diziam Senhores, simplesmente porque possuíam a quantia sufficiente para comprar um outro homem que o destino infelizmente havia fadado: para servir-os, não como se fosse um ente da especie humana, mas como o mais malfadado dos irracionaes.

Do trivial ao histórico, a data cívica, o acontecimento singularizado como história de um povo; neste caso, o povo brasileiro. A expressão da natureza, a festa de santo, a festa popular, o natal, o dia da independência, do fim da escravidão, conclamam o tom sério e educativo da crônica.

Um povo civilizado deve guardar, atravez do tempo as poeticas reminiscencias do passado, mas, uma selvageria não se guarda.

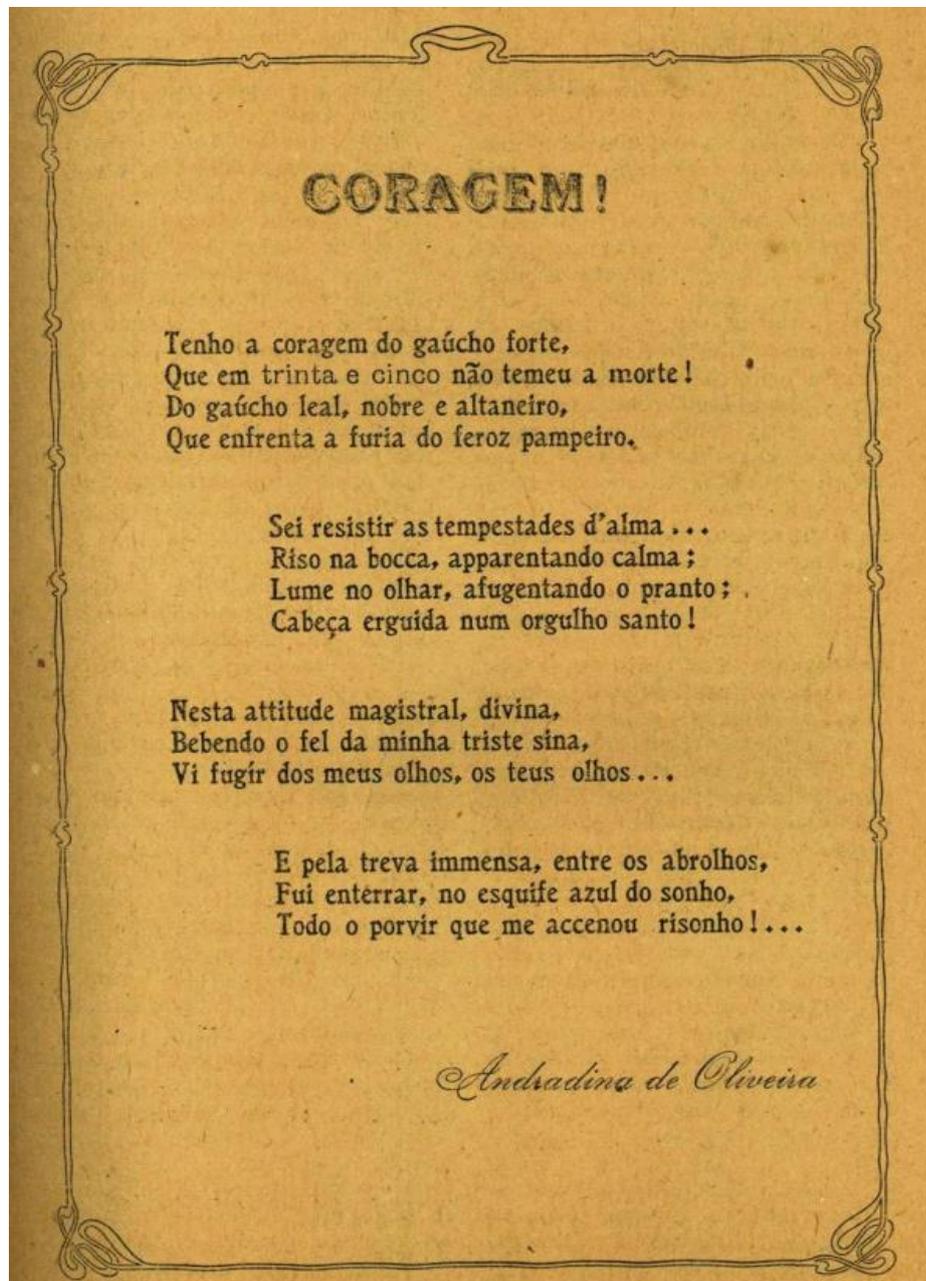
Ou como percebemos na crônica da edição 34 (1918), em que Arinapi traz como tema a educação da educação, e a saída de normalista de Cuiabá:



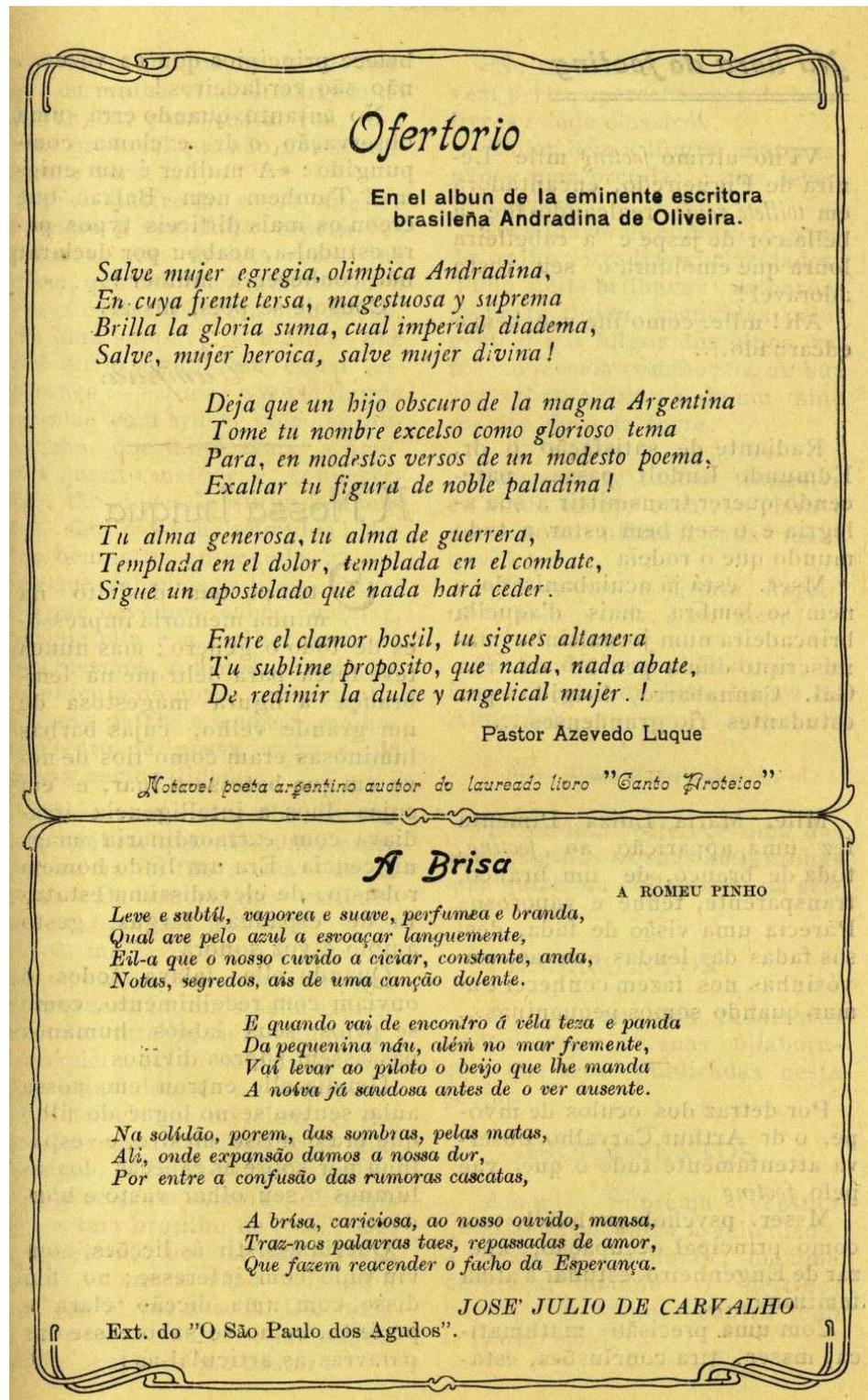
## A poesia em *A Violeta*

Além da crônica, o conto e a poesia compõem o conjunto do que estamos chamando de *presença da literatura em A Violeta*. Nas edições 13 (1917); 28 (1918), 32 (1918) não há poemas publicados, sobressaindo a forma em prosa e o texto jornalístico. Quando observamos a poesia, percebemos, por exemplo, que sua presença abre para um número maior de escritores brasileiros; ainda que pouco conhecidos, outros cuja publicação ficou restrita ao periódico. Vejamos:

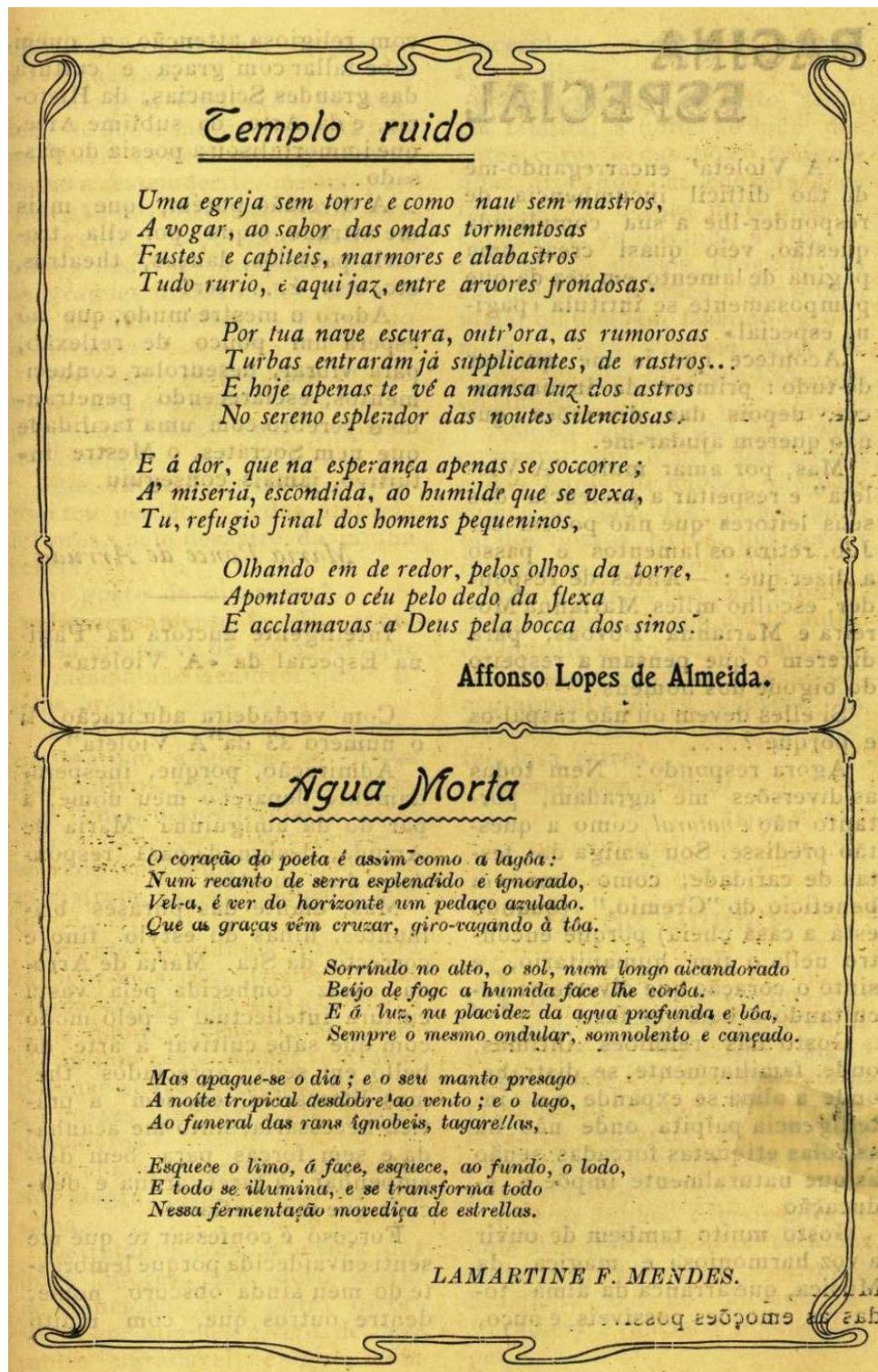
O poema *Coragem* na edição nº 31 (1918), de Andradina de Oliveira.



Se a crônica aparece logo na primeira página, ocupando sempre uma coluna da página seguinte, a poesia aparece na terceira ou na quarta página da revista (única exceção é a publicação da edição 49) Com a publicação do poema, do ponto de vista formal da revista, há supressão da segunda coluna, prevalecendo uma única coluna dando destaque maior ao poema.

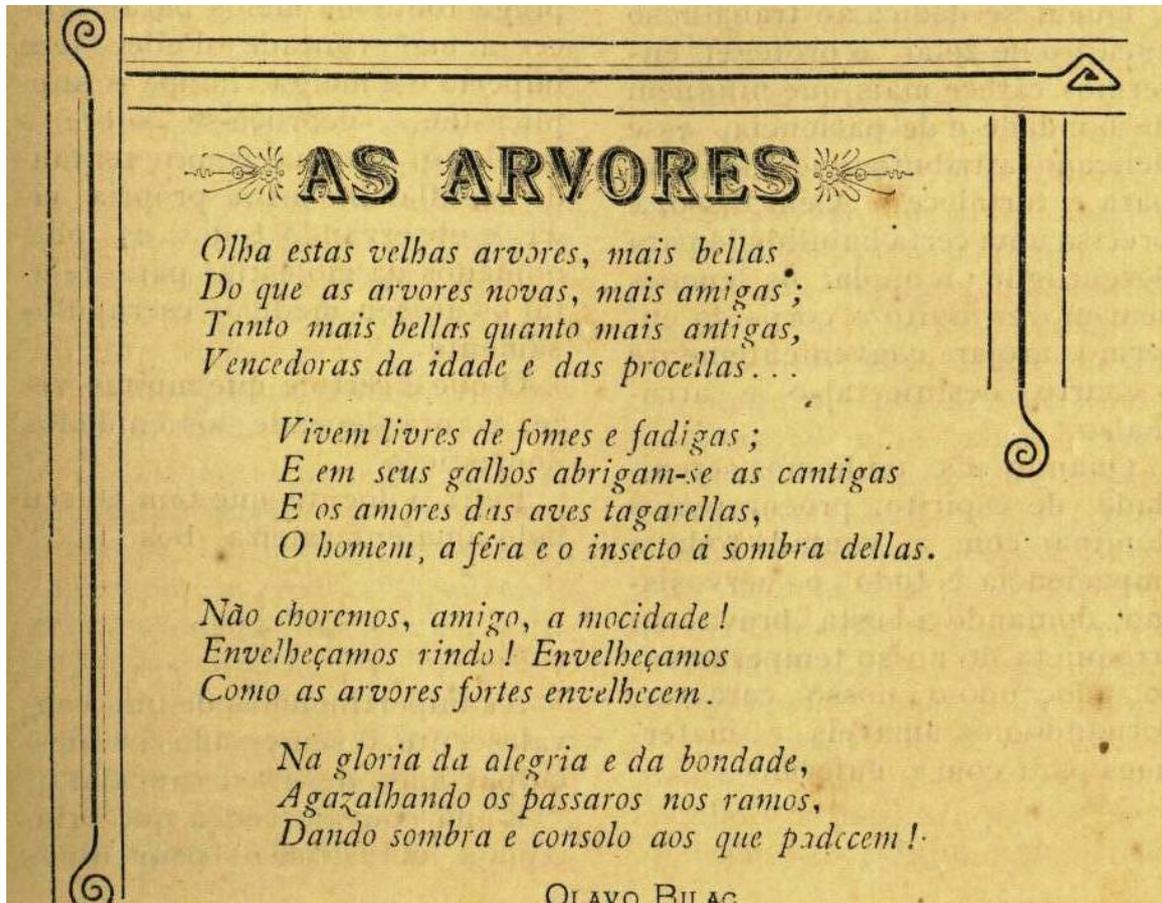


A página da poesia sofre uma segunda alteração, em relação às demais, conformando um contorno, ou melhor, uma moldura, que explicita a posição de destaque da poesia na revista. Na edição 33 (1918), são dois os poemas publicados.



Ademais, percorrem as páginas da revista, a poesia de Gessné Pompeu de Barros *Olhos que falam*, e *Estrelas* de Olavo Bilac (nº44, 1919), *Ainda uma Vez* e *Amor perfeito*, de

Jonathas Serrano (nº 48, 1919), *Sonetos*, de Jonathas Serrano, *Monologo de um Sceptico* (nº56, 1919) Franklin Cassiano, *Jesus sobre as ondas* (nº 63, 1920) de Alfonso Celso.



Dos poetas brasileiros não publicados e das ausências sentidas, destacam-se Alphonsus de Guimarães, Cruz e Souza; e algum poema de *Cinzas das horas* (1917) e *Carnaval* (1919), de Manuel Bandeira, dentre outros.

Quando organizamos este capítulo, considerando a organicidade da revista, e nela, o lugar da literatura, não foi somente para dizer que a crônica está na primeira página como o poema está ora na segunda, ora na terceira. E quando destacamos que a página do poema é realçada com efeito de moldura, não foi com a intenção de observar que ela ficou mais bonita ou, simplesmente, diferente. Isso seria desnecessário. O que tentamos elucidar foi um método de composição da própria revista, sua feitura, suas escolhas. O princípio de composição é central. É central porque dele vamos compreender, observando as partes, cada lugar e ordem de cada seção, de cada texto, de *A Violeta*. Compor não é transcrever (como já adverte Chartear, 2007, 25). Compor implica em escolhas, em seleção.

E como estamos ponderando o princípio de composição de uma revista; portanto, um processo além do gesto de escrita, uma vez que há diversos momentos e intervenções, na sua

organização como o de leitor (diretoras e redatoras), de editor, de revisor, etc, a relação da revista com o mundo social, ou o mundo da leitura, não consiste apenas na apreciação estética do poema, da crônica ou do conto. Não queremos simplesmente julgar o valor literário deste poema ou daquela crônica, se é que temos condições para isso. Ao ponderar sobre um método de composição de *A Violeta* identificamos o peso que a literatura possui para a revista. Há, inegavelmente, um esforço pelo literário. Há, inegavelmente, uma defesa pela importância da literatura. A conformação de que *A Violeta* é uma revista literária antes de qualquer coisa, muito menos jornalística, seu princípio de composição elege a literatura como o grande texto, o maior de todos os textos. E é por isso que crônicas, conto e poesias ocupam mais da metade de todo conjunto de páginas da revista. E é por isso, também, que estão nas primeiras páginas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No começo era a revista. E *A Violeta* é um começo para publicação de autoria feminina em Mato Grosso. Não há exagero nessa afirmação. No projeto de composição de *A Violeta* que prima pela literatura há, predominantemente, o foco na construção de uma autoria feminina, na seleção de textos de autoria de Arinapi e de Mary, por exemplo, se considerarmos as edições aqui apresentadas. As redatoras e diretoras da revista criam e ocupam o espaço de destaque na publicação de seus textos. Essa consciência do poder da imprensa, conjugada ao conhecimento que as redatoras tinham sobre as tantas revistas femininas (mencionadas no primeiro capítulo), fortalece a definição de um projeto de composição e, nele, a construção e difusão da produção literária feminina. A configuração das redatoras como escritoras, ao longo das edições de *A Violeta*, filia-se à discussão e defesa de grandes questões como a educação, o analfabetismo, o direito ao voto feminino.

As redatoras e diretoras de *A Violeta* não dirigem uma revista apenas, realizam, acima de tudo, o desejo na construção de um repertório significativo da produção feminina. Nem redatoras, nem diretoras, tão somente escritoras. E como escritoras, que publicam num veículo periódico, estão atentas às transformações da sociedade, ao processo de modernização e expansão em Mato Grosso. Conclamam o progresso, como conclamam e defendem a extinção do analfabetismo. Dos dois temas mais explorados pela *A Violeta*, destacam-se, nessa ordem, a educação (como único caminho para uma sociedade mais justa) e o direito ao voto.

Em tom sério, muitos dos seus textos partam de datas cívicas, de datas festivas, indicando uma definição e uma estratégia de comunicação da revista, que não se recusa a abordar a festa de santo, o dia 13 de maio, o natal, de uma maneira crítica e reflexiva, transformando o repertório em atual para sociedade da época. O tom sério e jornalístico está na última seção da revista, *O Noticiário*. Entrecortando a primeira e a última parte de *A Violeta*, um miolo em tom descontraído com seções como *Perfil e Pensamentos*, *Na Hora do Footing*, *Página Especial e Torneio Charadístico*. Essas seções abrigam uma dinâmica da linguagem, uma composição do entretenimento, da interlocução com leitores, na elaboração e trocas de perguntas como ocorre, por exemplo, em *Página especial*.

Bernadina Rechi e Maria Dimpina são as duas diretoras de *A Violeta*. São as líderes de um projeto de escrita, de autoria feminina em Mato Grosso. Como Idealizadoras e filiadas ao Grêmio Literário “Júlia Lopes” agregam um grupo de jovens e senhoras empenhadas na

defesa da leitura, na defesa da educação, da literatura, na construção de um grupo integrado de escritoras. O termo de ordem do grêmio, e que a revista *A Violeta* executa, é a construção de um grupo de escritoras. A literatura como fim, a revista abre espaços para difundir a literatura produzida em Mato Grosso. E, em cada década (20, 30, e 40 do século XX), um maior número de escritores de Mato Grosso, filiados à Academia Mato-Grossense de Letras, publicam em *A Violeta*.

*A Violeta*, portanto, juntamente com *O Jasmin*, de São Paulo, *Fon Fon: Semanário ilustrado: a revista feita para o lar*, do Rio de Janeiro, e *Corymbo*, do Rio Grande do Sul, constituem nas quatro mais importantes revistas editadas por mulheres no Brasil.

**BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA**

**A VIOLETA.** Grêmio Literário “Júlia Lopes de Almeida”. Cuiabá, MT. n. 13. 08 de julho de 1917.

\_\_\_\_\_. Cuiabá, MT. n. 28. 02 de março de 1918.

\_\_\_\_\_. Cuiabá, MT. n. 31. 30 de abril de 1918.

\_\_\_\_\_. Cuiabá, MT. n. 32. 15 de maio de 1918.

\_\_\_\_\_. Cuiabá, MT. n. 33. 30 de maio de 1918.

\_\_\_\_\_. Cuiabá, MT. n. 34. 15 de junho de 1918.

\_\_\_\_\_. Cuiabá, MT. n. 44. 20 de janeiro de 1919.

\_\_\_\_\_. Cuiabá, MT. n. 48. 02 de maio de 1919.

\_\_\_\_\_. Cuiabá, MT. n. 49. 20 de maio de 1919.

\_\_\_\_\_. Cuiabá, MT. n. 63. 20 de janeiro de 1920.

## BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

ALVES, Francisco Das Neves Navegações. **A imprensa de cunho literário no extremo-sul brasileiro: um estudo de caso da história da Inúbia e uma brevíssima incursão à crítica literária** = Literary press in the Brazilian extreme south: a case study of the Inúbia history and a very brief incursion into literary criticism: *Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, 01 January 2015, Vol.8(1), pp.64-74.

ALMEIDA, Giselle Costa de. **As Moças Flores e a modernidade: uma análise, sobre a viagem das ideias no Brasil da primeira República de 1916-1930**. Dissertação (mestrado em história) Universidade Federal Fluminense-UFF, Rio de Janeiro, (2002).

ALMEIDA, Maria Inês Parolin de. **A Nação em A VIOLETA: Um roteiro de leitura**. Dissertação (mestrado em Teoria e História Literária) Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2003.

ALMEIDA, Marinei, **Sobre Revistas e Jornais: um estudo do Modernismo em Mato Grosso**, Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2012.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS.

BERNARDES, Elizabeth Lannes. **Mulheres Cuiabanas na Primeira República. Dissertação (Mestrado em Educação Pública)** – Universidade Federal do Estado de Mato Grosso- UFMT, Cuiabá, 1996.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. **A Mulher de papel**. São Paulo: Loyola, 1990.

CAIRO, Luiz Roberto. **Dispersa Memória: Escritos sobre representação e memória na literatura brasileira**. UNESP. 2009.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. **A vida ao rés-do-chão. In: Para gostar de ler: crônicas**. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003, 12ª edição, 1998.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII**. Editora. UNESP, 2007.

\_\_\_\_\_. **A história da cultura: entre práticas e representações**.

CHALHOUB, Sidney. A arte de alinhar histórias. In: CHALHOUB, Sidney et al. (org). **História em cousas miúdas**. Capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora Unicamp, 2005.

CHEVALIER, Jean. **Dicionários de Símbolos:** (Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números) Trad. Vera da Costa e Silva et al. 12. Ed. Rio de Janeiro José Olympio, 1998.

COSTA, Laís Dias Souza da. **Factos e Cousas nas Crônicas da Revista Mato-Grossense A Violeta (1916-1937).** Universidade do Estado de Mato Grosso. 2014.

FREIRE, Otávio Bandeira de Lamônica. **Revista A Violeta: Um estudo de mídia impressa e gênero.** Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Paulista. São Paulo. 2007.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HUGUENEY, Eliete de Figueira Costa. **Revista A Violeta: a verbo-visualidade e o entrecruzamento de vozes.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2016.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História de literatura de Mato Grosso: Século XX.** Cuiabá: UNICEN Publicações 2001.

MAGALHAES, Anderson Salvaterra. **Nascimento e morte da lei de imprensa no Brasil: representações discursivas de autoria em jornalismo.** Alfa: Revista de Linguística, Jan, 2011, Vol.55(1), p.177(28).

MENDONÇA, Estevão de. **Breve memória sobre a Imprensa em Mato-Grossa.** Editora UFMT, 1975.

MENDONÇA, Rubens. **História da Literatura mato-grossense.** 2. Ed. especial. Cáceres: Ed. UNEMAT, 2005.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa.** 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1969.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX.** Revista Estudos Feministas, 01 January 2003, Vol.11(1), pp.225-233.

NADAF, Yasmin J. **Presença de Mulher: Ensaios.** Rio de Janeiro: Lidador, 2004.

\_\_\_\_\_. **Sob Signo de uma Flor. Estudos da revista A Violeta, publicação do Grêmio Literário Júlia Lopes – 1916 a 1950.** Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **Rodapé das Miscelâneas - O Folhetim nos Jornais de Mato Grosso (Século XIX e XX).** Rio de Janeiro: Sette Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Estudos Literários em livros, jornais e revistas.** Cuiabá, Mato Grosso, Entrelinhas, 2009.

NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C. (orgs.). **História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder.** Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2006.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo, Editora Ática, 2002.

PAROLIN, Maria Inês. **A nação em A Violeta: um roteiro de leitura**. Dissertação de (Mestrado em Teoria Crítica Literária). Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. 2003

PINTO, Luiz Renato de Souza. **As cores da Mulher em José Mesquita (1915-1916)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Mato Grosso-UFMT. Cuiabá, 2005.

PINHO, Adeílato Manoel Moreira, Maria Eunice. **Uma história da literatura de jornal: o imparcial da Bahia**. 2008.

PÓVOAS, Lenine Campos. **Historia da Cultura matogrossense**. Cuiabá, 1982.

TACCA, Oscar. **As vozes do romance**. Livraria Almedina Coimbra, 1993.

PINTO, Luiz Renato Souza de. **Rica/ bendita pobre /mal-dita: as cores da mulher em José de Mesquita (1915–1916)**. Dissertação (mestrado em História) Universidade Federal do Estado de Mato Grosso- UFMT. Cuiabá. 2005.

TRUBILIANO, Carlos Alexandre Barros, **Imagens Femininas no Jornais Mato-Grossenses (1937-1945): Identidade e Controle Soal**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal da Grande Dourados. Mato Grosso do Sul. 2007.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. Rio de Janeiro, Ática. Coleção Princípios, 5ª edição, 1997.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22. Ed. Ver. Ampl. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

SIQUEIRA, Elizabeth M. Madureira. COSTA, Lourença Alves. CARVALHO, Cathia Maria Coelho. **O Processo Histórico de Mato Grosso**. Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT. Cuiabá, 1990.

SILVA, Gisleine Crepaldi. **Uma mulher educada educa cem homens: a revista “A Violeta” e a educação feminina durante o período estadonovista, em Cuiabá**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Cuiabá. 2003.

**WEBGRAFIA**

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS. Disponível em:  
<[www.academiadeletrasmt.com.br](http://www.academiadeletrasmt.com.br)>. Acesso em: 23 de Maio de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE  
BRASÍLIA. <<http://ibict.br>>. Acesso em: 01 de Maio de 2018.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR.  
Disponível em: <<http://catalogodeteses.capes.gov.br>>. Acesso em: 01 de Maio de 2018.



Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

B177p BALDISSARELLI, Agna Correa Britis Baldissarel .  
Páginas Que Escrevem o Cotidiano: um Olhar Sobre a  
Presença da Literatura na Revista a Violeta (1917-1920) / Agna  
Correa Britis Baldissarel Baldissarelli - Tangará da Serra, 2018.  
94 f.; 30 cm.(ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu  
(Mestrado Acadêmico) Estudos Literários, Faculdade de Ciências  
Sociais Aplicadas e Linguagem, Câmpus de Tangara da Serra,  
Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018.  
Orientador: Walnice Aparecida Matos Vilalva

1. Literatura. 2. Periódico. 3. a Violeta. 4. Mato-Grosso. I.  
Agna Correa Britis Baldissarel Baldissarelli. II. Páginas Que  
Escrevem o Cotidiano: um Olhar Sobre a Presença da Literatura  
na Revista a Violeta (1917-1920): .  
CDU 821.134.2.09(817.2)